



Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Naturais e Tecnologia  
Curso de Bacharelado em Design

**ATHYENE CARDOSO PINTO DA SILVA**

**O LIVRO DE VINÍCIUS.  
Literatura para crianças com dislexia.**

Belém

2016

**ATHYENE CARDOSO PINTO DA SILVA**

**O LIVRO DE VINÍCIUS.**

**Literatura para crianças com dislexia.**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado para obtenção do Grau de  
Bacharel em Design pela Universidade do  
Estado do Pará.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Roseli Sousa  
Santos.

Área de concentração: Design e Educação

Belém - Pará

2016

**ATHYENE CARDOSO PINTO DA SILVA**

**O LIVRO DE VINÍCIUS.  
Literatura para crianças com dislexia.**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado para obtenção do Grau de  
Bacharel em Design pela Universidade do  
Estado do Pará.

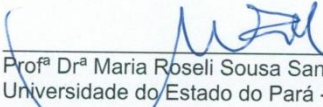
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Maria Roseli Sousa  
Santos.

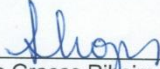
Área de concentração: Design e Educação

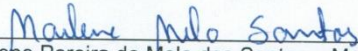
Aprovado em: 02/12/16

Nota: 9,5

BANCA EXAMINADORA:

  
\_\_\_\_\_  
Profª Drª Maria Roseli Sousa Santos – Orientadora  
Universidade do Estado do Pará - UEPA

  
\_\_\_\_\_  
Profª Lindalva das Graças Ribeiro Lopes – Membro da banca  
Escola Superior Madre Celeste – ESMAC

  
\_\_\_\_\_  
Marlene Pereira de Melo dos Santos – Membro da banca  
Acreditar – Associação Beneficente Milton Pereira de Melo

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por essa força divina, por me iluminar, por guiar meus caminhos, por ouvir minhas preces e me mostrar o quão sou capaz! Obrigada, Deus!

Segundamente, agradeço a minha mãe, Adelzira. Obrigada, mãe, por me mostrar o que é ser uma mulher guerreira, de alto astral. Você que sempre segurou minhas mãos, enxugou minhas lágrimas, ouviu meus lamentos e acreditou em mim quando nem eu mesma acreditava. Obrigada pelos teus sorrisos, teus abraços, teus conselhos, tua luz. Tenho orgulho de você, pelo que você é e como você é. Obrigada por existir e ser minha âncora.

Também agradeço a meu pai, Valci. Grande parte da mulher que sou hoje é graças a você. Um homem íntegro, de coração aberto que nunca deixou de ser pai! Obrigada!

À família Cardoso Pinto, da qual eu tenho o maior orgulho de pertencer. Eu não trocaria essa família por nada!

Aos meus amigos, em especial ao grupo The Best's, que em meio a desesperos diários, sempre me fortaleceram e não me deixaram desistir. Obrigada pelas brincadeiras, por me mostrar a real amizade e me animarem no meu último suspiro de paciência. Aos amigos de Paragominas e Castanhal, que mesmo indiretamente se preocupavam e nunca me deixaram! Agradeço e me sinto sortuda por ter todos vocês.

A minha orientadora Roseli Sousa, onde durante todos nossos encontros sempre me acalmava e me dizia que eu era sim capaz! Obrigada, professora, por me repassar tanto conhecimento, foi um prazer ter você como professora e amiga ao longo desse último trabalho acadêmico.

E ao meu querido café, que durante muitas noites foi meu fiel companheiro, nunca me deixando adormecer até mesmo quando minha mente e corpo imploravam.

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo estudar e aplicar conceitos de design editorial em criação de um livro infantil que atenda as necessidades educacionais no campo da leitura e literatura de crianças disléxicas. Foi realizado um levantamento bibliográfico sobre dislexia, educação brasileira e design editorial para definir requisitos para o projeto do livro. O produto final consistiu em uma literatura paradidática infantil para crianças com dislexia. O livro conta uma história metafórica de um menino chamado Vinícius que não consegue ler por conta de seu distúrbio, o título se chama “O Livro de Vinícius”. O produto foi criado para mostrar a estas crianças que a dislexia pode ser tratada e se pode conviver com ela normalmente. Os resultados revelam que é possível aplicar conhecimentos de design editorial em livros infantis voltados para as crianças disléxicas, trabalhando as necessidades específicas dessas crianças, de forma que as ajude a entender um pouco sobre suas dificuldades de leitura, escrita, fala e números, contribuindo em seus direitos mais essenciais que é: viver de forma justa, sem problemas de convivência, autoestima ou outras consequências geradas por conta da dislexia.

**Palavras-chave:** educação, design editorial, dislexia, inclusão.

## **ABSTRACT**

This work aims to study and apply concepts of editorial design in creating a children's book that portrays dyslexic children. For this, a bibliographic survey on dyslexia, Brazilian education and editorial design was carried out to define requirements for the design of the book. The final product was a children's literature for children with dyslexia, which tells a metaphorical story of a boy named Vinícius who can not read because of his disorder, a book called "The Book of Vinicius". The product was created to show these children that dyslexia can be treated and can coexist with it normally. This project allowed to apply editorial design knowledge in children's books aimed at dyslexic children, working the specific needs of this target audience, so that it helps them to understand a little about their difficulties in reading, writing, speaking and numbers, so that, Can live fairly, without problems of coexistence, self-esteem or other consequences generated by dyslexia.

Key words: Brazilian education, editorial design, dyslexia, inclusion.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Gráfico de comparação: Ensino Regular x Educação Especial.....	18
<b>Figura 2</b> – Capa do livro “Chapeuzinho Vermelho” de Charles Perrault.....	20
<b>Figura 3</b> – Capa do livro “Barba Azul” de Charles Perrault.....	20
<b>Figura 4</b> - Capa do livro “A Branca de Neve” também de Charles Perrault .....	21
<b>Figura 5</b> – “O Menino Maluquinho”, de Ziraldo .....	22
<b>Figura 6</b> – “A Aventura de Maria Fumaça”, de Ana Maria Machado.....	22
<b>Figura 7</b> – Exemplo do estilo tradicional do livro de Linden.....	28
<b>Figura 8</b> – Exemplo do estilo caricatural do livro de Linden.....	29
<b>Figura 9</b> – Exemplo do estilo escola francesa do livro de Linden .....	29
<b>Figura 10</b> – Exemplo do estilo fauvista do livro de Linden.....	30
<b>Figura 11</b> – Exemplo do estilo expressionista do livro de Linden .....	30
<b>Figura 12</b> – Exemplo do estilo diagramação dissociação.....	31
<b>Figura 13</b> – Exemplo do estilo diagramação associação.....	32
<b>Figura 14</b> - Exemplo do estilo diagramação compartimentação.....	32
<b>Figura 15</b> – Exemplo do estilo diagramação conjunção .....	33
<b>Figura 16</b> – Exemplo de grid retangular do livro de Samara Timothy .....	34
<b>Figura 17</b> – Exemplo de grid de colunas do livro de Samara Timothy.....	34
<b>Figura 18</b> – Exemplo de grid modular do livro de Samara Timothy .....	35
<b>Figura 19</b> – Exemplo de grid hierárquico do livro de Samara Timothy .....	35
<b>Figura 20</b> – Dislexia.....	36
<b>Figura 21</b> – Exemplo de disortografia.....	40
<b>Figura 22</b> – Exemplo de discalculia .....	41
<b>Figura 23</b> – Exemplo de dislalia.....	42
<b>Figura 24</b> – Fachada da Associação beneficente.....	48
<b>Figura 25</b> – Imagem do tipo de material didático criado pela docente.....	50
<b>Figura 26</b> – Imagem do tipo de material didático criado pela docente.....	51
<b>Figura 27</b> – Amostra da tipografia Lexia Readable.....	53
<b>Figura 28</b> – Amostra da tipografia Dyslexie .....	53
<b>Figura 29</b> – Amostra da tipografia Sylexiad.....	54
<b>Figura 30</b> – Amostra da tipografia Open Dyslexic .....	54
<b>Figura 31</b> – Esboços dos personagens .....	56
<b>Figura 32</b> – Personagem “Vinícius” .....	57
<b>Figura 33</b> – Personagem “O Velho Ancião” .....	58

<b>Figura 34</b> - Personagem “O Rei do Vilarejo” .....	59
<b>Figura 35</b> – Capa do livro .....	61
<b>Figura 36</b> – Primeira página da narrativa “O Livro de Vinícius” .....	63
<b>Figura 37</b> – Segunda página da narrativa “O Livro de Vinícius” .....	64
<b>Figura 38</b> – Terceira página da narrativa “O Livro de Vinícius” .....	65
<b>Figura 39</b> – Quarta página da narrativa “O Livro de Vinícius” .....	66
<b>Figura 40</b> – Quinta página da narrativa “O Livro de Vinícius” .....	67
<b>Figura 41</b> – Sexta página da narrativa “O Livro de Vinícius” .....	68
<b>Figura 42</b> – Sétima página da narrativa “O Livro de Vinícius” .....	69
<b>Figura 43</b> – Oitava página da narrativa “O Livro de Vinícius” .....	70
<b>Figura 44</b> – Nona página da narrativa “O Livro de Vinícius” .....	71
<b>Figura 45</b> – Décima página da narrativa “O Livro de Vinícius” .....	72
<b>Figura 46</b> – Décima primeira página da narrativa “O Livro de Vinícius” .....	73
<b>Figura 47</b> – Décima segunda página da narrativa “O Livro de Vinícius” .....	74
<b>Figura 48</b> – Décima terceira página da narrativa “O Livro de Vinícius” .....	75
<b>Figura 49</b> – Décima quarta página da narrativa “O Livro de Vinícius” .....	76

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2.</b>	<b>EDUCAÇÃO BRASILEIRA E SAÚDE</b> .....	<b>12</b>
2.1.	A EDUCAÇÃO EM NÚMEROS.....	12
2.2.	DESIGN E INCLUSÃO ESCOLAR.....	13
2.2.1.	<b>A inclusão no brasil</b> .....	<b>16</b>
2.2.2.	<b>O novo papel da educação especial</b> .....	<b>18</b>
2.3.	LIVRO INFANTIL.....	19
2.4.	DESIGN EDITORIAL E ACESSIBILIDADE.....	23
2.5.	DESIGN EDITORIAL E SUAS FERRAMENTAS.....	25
2.5.1.	<b>Formato</b> .....	<b>26</b>
2.5.2.	<b>Tipografia</b> .....	<b>26</b>
2.5.3.	<b>Ilustração</b> .....	<b>27</b>
2.5.4.	<b>Diagramação</b> .....	<b>30</b>
2.5.5.	<b>Grid</b> .....	<b>33</b>
2.6.	DISLEXIA E LITERATURA PARADIDÁTICA.....	36
2.6.1	<b>Desenvolvimento por idade e sintomas</b> .....	<b>37</b>
<b>3.</b>	<b>DESENVOLVIMENTO DE UMA LITERATURA PARA CRIANÇAS DISLÉXICAS</b> .....	<b>44</b>
3.1.	DESIGN DO LIVRO E OS CAMINHOS NO PROJETAR.....	44
3.2.	HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO.....	48
3.2.1	<b>Método de ensino para as crianças disléticas</b> .....	<b>49</b>
3.2.2	<b>Requisitos básicos para a construção</b> .....	<b>50</b>
3.3.	ELEMENTOS QUE IDENTIFICAM AS NECESSIDADES DAS CRIANÇAS.....	51
<b>4.</b>	<b>DESENVOLVIMENTO DO PROJETO</b> .....	<b>52</b>
4.1.	TIPOGRAFIA.....	52
4.1.1.	<b>Mancha gráfica e grade</b> .....	<b>55</b>
4.1.1.	<b>Tamanho da fonte</b> .....	<b>55</b>
4.2.	ILUSTRAÇÕES E PERSONAGENS.....	56
4.2.1.	<b>Vinícius</b> .....	<b>57</b>
4.2.2.	<b>O velho ancião</b> .....	<b>58</b>
4.2.3.	<b>O rei do vilarejo</b> .....	<b>59</b>
4.3.	PÁGINAS PRÉ E PÓS-TEXTUAIS.....	59
4.4.	SUPORTE E ENCADERNAÇÃO.....	60
<b>5.</b>	<b>PROJETO GRÁFICO – O LIVRO DE VINÍCIUS</b> .....	<b>60</b>
5.1.	CAPA.....	61
5.2.	NARRATIVA.....	62
<b>6.</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>76</b>
	<b>REFERENCIAS</b> .....	<b>78</b>



## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil, assim como outros países, possui uma série de questões sociais ainda pouco abordadas, e uma dessas questões envolve o debate entre educação/saúde. Sendo assim, o trabalho a seguir terá como alvo de discussão o desenvolvimento de uma literatura paradidática para crianças com dislexia, um distúrbio pouco conhecido socialmente, e que tem como principais problemas a dificuldade na leitura e na escrita. Estas questões se aliam as possibilidades do campo do Design Editorial e será apresentada em articulação sobre a dislexia, principalmente com as estatísticas sobre a Dislexia e a educação brasileira. Serão apresentados também como o Design Editorial pode ajudar intimamente na produção desses materiais, fazendo com que haja uma melhor apropriação dessa literatura dentro das escolas.

O tema surgiu através de uma participação de um projeto social administrado por uma faculdade particular que envolvia essas crianças, o que gerou grande e próxima ligação com crianças que possuem algum tipo de transtorno, e isso tornou a questão pessoal e emocional um fator decisivo na escolha do tema proposto, assim como a vontade de explorar um pouco mais da parte do Design Editorial tanto academicamente como socialmente, usando-o como ponte para a construção de uma ideia mais disseminada sobre a dislexia.

Outro fator que contribuiu para a escolha do tema foi o estudo sobre os tipos de materiais para essas crianças. A escassez de materiais paradidáticos para crianças com dislexia dentro das escolas é precário, dessa forma, serão aqui apresentadas pesquisas acerca desses materiais e como eles estão inclusos no Brasil, e é a partir desses estudos no contexto escolar que se formarão os objetivos da pesquisa em geral.

O campo estudado foi uma associação que possui discentes disléxicos, que também serão o público alvo da pesquisa, assim como uma professora e psicopedagoga que trabalha no centro de estudo. Estes serão observados dentro das salas de aula, assim como o comportamento e o dia-a-dia de cada

um. A comunicação aluno/professor, sua forma de ensino e como a grade curricular se apresentada para essas crianças também será analisada, tendo como resultados a busca em atender cada limitação apresentada pelas crianças indicadas pela professora em sua experiência com as turmas.

Entre os tópicos serão abordados como o projeto pensado foi desenvolvido, tendo como estímulo pessoas e lugares especializados no assunto e que possam ajudar direta ou indiretamente no trabalho de conclusão acadêmico, que teve como finalidade o desenvolvimento de uma literatura paradidática para crianças com dislexia, com foco no Design Editorial e seus afins, que ao longo de todo o projeto mostrará como o designer pode contribuir para uma educação mais justa dentro da sociedade brasileira e como isso pode contribuir para mudar a visão e a forma de ensinar dentro do país.

Posteriormente, será apresentado o levantamento teórico sobre o tema proposto, buscando nas pesquisas já realizadas e nos estudos já desenvolvidos, informações que objetivaram embasar teoricamente a fim de dar suporte as opções técnicas ao projeto e indicar alternativas para novas pesquisas.

Inicialmente, durante o decorrer dos estudos e pesquisas executou-se o projeto da boneca mais detalhadamente e como se pretende usar o projeto planejado. Enfatizaremos componentes do produto em si que serão utilizados.

Por fim, serão escritas as conclusões e considerações diante do trabalho realizado, já com um resultado preliminar em mãos e todo o procedimento concluído.

## 2. EDUCAÇÃO BRASILEIRA E SAÚDE

Neste capítulo apresentaremos alguns estudos acerca da Educação Brasileira, mostrando quão frágil é o sistema educacional em nosso país, tanto na forma que os professores ministram as aulas como na precariedade de materiais apropriados para esses escolares. Será apresentado também como o Design Editorial e suas ferramentas pode ser aplicado na produção de materiais para crianças e jovens que apresentam um distúrbio de aprendizagem tão pouco conhecido como a Dislexia, além de explicar como as literaturas paradidáticas são pouco acessíveis e pouco estruturadas para esses escolares do país.

### 2.1 A EDUCAÇÃO EM NÚMEROS

Ao observar resultados de pesquisas da educação brasileira, percebe-se um alto número de evasão escolar em função de dificuldades que influenciam principalmente na vida escolar das crianças do país, chegando à vida adulta sem o completo desenvolvimento da leitura e escrita, já que o rendimento escolar do Brasil é considerado baixo se comparado a outros países também desenvolvimento.

Segundo Muszkat (2012, p. 16): “Os transtornos de leitura e escrita têm uma alta prevalência, entre 7% a 10% das crianças em idade escolar, que, nos países em desenvolvimento, contribui significativamente para o fracasso e evasão escolar”.

No Brasil, cerca de 40% das crianças apresentam dificuldades escolares no início da sua alfabetização devido a causas diversas, tanto como falta de

oportunidade social, ambiente pouco instigante como desvantagens e falhas no acesso ao ensino e nos métodos pedagógicos. Nunes (2004).

De acordo com pesquisas do IBGE, em 2009, cerca de 14,1 milhões de brasileiros com mais de 10 anos eram analfabetos. De 0 a 6 anos de idade, apenas 44,5% frequentavam a escola, enquanto que em crianças de 4 a 6 anos de idade, o percentual é chega a quase 78%, e nos adolescentes de 15 a 17 anos, a taxa era de aproximadamente de 82,1%. Contudo, neste grupo de 15 a 17 anos, apenas 48% estavam cursando o ensino médio. Essa taxa de diferença série/idade também atinge o ensino fundamental e, de acordo com os dados da pesquisa do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica – Saeb, pelo menos 59% dos brasileiros chegam a 4º série do ensino fundamental sem terem desenvolvido habilidades simples de leitura, com grande variação entre as regiões do país. De forma mais específica, regionalmente falando, segundo o PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios/IBGE, na região Norte, quase 20% dos jovens apresentam pelo menos dois anos de atraso escolar, e muitas das vezes por conta de todas as causas já citadas.

## 2.2 DESIGN E INCLUSÃO ESCOLAR

A definição de Design é muito ampla e se diverge dependendo do local e época, onde até mesmo alunos e docentes têm dificuldade em definir realmente o que é Design.

A profissão de designer é caracterizada pelo desempenho de atividades especializadas de caráter técnico-científico, criativo e artístico, visando à concepção e ao desenvolvimento de projetos e mensagens visuais. Em design, projeto é o meio em que o profissional, equacionado de forma sistêmica dados de natureza ergonômica, tecnológica, econômica, social, cultural e estética, responde concreta e racionalmente às necessidades humanas. Os projetos elaborados por designers são aptos à seriação ou à industrialização que estabelecem relação com o ser humano, no aspecto de uso ou de percepção, de modo a atender às necessidades materiais e às de informação visual. (NIEMEYER *apud*, LIMA, 2007, p. 23).

A palavra “design” vem do idioma em inglês que significa designo. O que indica, representa, marca, ordena, na ótica de Niemeyer (2010).

Quem estuda ou tem conhecimento sobre o que é design, sabe que não é difícil encontrar por aí o nome *design* sendo relacionado com qualquer profissional que faça qualquer tipo de interação formal ou gráfica, porém estamos num campo que coloca educação e design em linha paralela onde o designer se alia a problemas de natureza gráfica para dar conta de questões que devem ser vistas num âmbito do design para todos. Inclusive, pensar um projeto gráfico que considere as limitações das crianças disléxicas.

No Brasil, a população só começou a saber o que é design a partir dos anos 50. Nessa época, havia uma necessidade de formar profissionais capazes de suprir a demanda de projetos de produtos e de comunicação visual, que pudesse transmitir visualmente símbolos brasileiros, mas que fossem conhecidos universalmente.

Em 1947, aqui no Brasil, foi criado o Museu de Arte e de São Paulo (Masp), inaugurado por Francisco Matarazzo Sobrinho. São Paulo era um local adequado para a criação de instituições ligados à cultura.

Para Niemeyer (2010), os cursos da instituição fizeram com que houvesse um estímulo pelo estudo e conseguiu ligar design, arte, artesanato.

Mas foi a Escola Superior de Desenho Industrial (Esdí), em nosso país que contava em um corpo docente com profissionais de diversos países, incluindo membros das antigas Bauhaus e Ulm, o que fortaleceu a existência do design. Com passar dos anos, o Brasil veio conhecendo e disseminando a ideia do design. Atualmente, no nosso país, há uma gama muito grande desses profissionais, mudando o modo de olhar o mundo com seus projetos e mensagens visuais aplicados por todos os lugares, porém, o design ainda tem muito a crescer dentro do Brasil, seja nas ruas ou em instituições, e isso também inclui escolas e instituições de ensino em geral.

O design aplicado no trabalho aqui apresentado possui um papel extremamente especial, pois se trata do design editorial, que tratará de ajudar o público alvo do projeto a ter uma melhor produção de materiais paradidáticos.

O design editorial, mesmo sendo uma parte muito importante do design gráfico, ainda é pouco trabalhado, entretanto, será explorado de forma a definir seu papel socialmente e focando na produção do material do trabalho apresentado.

Como mencionamos anteriormente, o público alvo trabalhado possui dislexia, transtorno este que será apresentado mais à frente. Esse público passa por problemas sociais muito comuns no Brasil, que se chama “inclusão.”.

Por muito tempo, as crianças com qualquer tipo de síndrome, sejam elas motoras e/ou cognitivas, eram tratadas como doentes que precisavam de atendimento médico, não de educação, e essa visão antiquada só começou a mudar nos anos 90, onde a inclusão passou a ser mais presente.

O ideal é que crianças com qualquer tipo de síndrome sejam incluídas naturalmente nas atividades do grupo, não perdendo de vista as suas dificuldades, e para isso, o professor precisa além de conhecimento pedagógico, ter sensibilidade e uma boa formação para que encaminhamento dessas crianças seja seguro.

Para Maria Teresa Eglér Mantoan, uma das maiores defensoras e especialistas em inclusão escolar no Brasil, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (Leped), há uma ampla transformação das escolas regulares para atender a todos.

A inclusão, segundo Mantoan (2015), significa juntar-se com todas as pessoas mesmo que não a conheçamos. Inclusão é interagir com o outro, sem distinção.

A inclusão vem justamente da ideia de que nós não temos o direito, de forma alguma, de tratar algumas pessoas de forma diferente e, em função disso, estabelecer um mundo diferente para elas - uma sociedade diferente, uma escola diferente. A inclusão é justamente a

compreensão de que é a diferença o que nos constitui, não a igualdade. Nós temos igualdade perante a lei, o que não significa que sejamos iguais. Um erro comum dos professores, da escola e até dos pais é pensar que a inclusão é a inclusão da criança com deficiência. Mas e aquele menino que entrou na escola naquele ano, veio de outro estado, tinha uma linguagem diferente, não deu conta de todos os conteúdos? Ele também está em um processo inclusivo. (MANTOAN *apud*, CAVALCANTE, 2005 s/n.).

A escola tem que ser o reflexo da vida do lado de fora. Todas as crianças precisam respeitar e viver a experiência da diferença, isso faz com que haja uma inclusão natural de todas as crianças na sociedade, mas em primeiro lugar, a escola precisa ter um bom projeto pedagógico. Em toda instituição de ensino há crianças que repetem de ano e precisam de uma atenção maior. A equipe da escola deve sentar e discutir o porquê de tanta repetência dessas crianças e tanta indisciplina.

Muitas escolas mudam seus programas e espera que todas as crianças tenham os mesmos resultados, o que é errado. Os alunos precisam de liberdade para aprender no seu ritmo e de acordo com as suas condições, e isso vale para todos os estudantes. Os professores precisam estar atentos e ter capacidade o suficiente para ministrar aulas que possam atender a todos seus alunos.

### **2.2.1 A Inclusão no Brasil**

No Brasil, muitas instituições ainda tentam impedir a inclusão, pois a maioria acha que a melhor solução ainda é excluir, mantendo-as em escolas especiais com um ensino adaptado só para elas, mas a Constituição Brasileira, desde 1988, diz que, todas as crianças têm o direito de estudar em uma escola regular e é preciso haver o acesso de todos ao ensino regular, afirmações de Mantoan *apud*, Cavalcante, 2005.

O Brasil ainda está num processo de conscientização, e a inclusão no país está sendo aprendida dia a dia dentro das salas de aula. A inclusão faz com

que os sistemas educacionais brasileiros repensem e descubram novas formas de ensinar.

É a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência física, para os que têm comprometimento mental, para os superdotados, para todas as minorias e para a criança que é discriminada por qualquer outro motivo. Costumo dizer que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já inclusão é estar com, é interagir com o outro. (MANTOAN *apud*, CAVALCANTE, 2005 s/n.).

As escolas brasileiras precisam mudar! Mudar dentro do ponto de vista inclusivo, tanto em suas avaliações como em suas atividades. As escolas precisam rever seus sistemas de ensino e se necessário, obter novas formas de educação, e devem oferecer novos recursos para que as crianças se tornem independentes para aprender o que lhe é oferecido na escola.

Considerado um país ainda em desenvolvimento, isso reflete muito na educação brasileira, que ainda é considerada defasada. A sociedade inteira contribui para que o país possa sair do lugar e se desenvolver ou então parar no tempo. Nos tempos atuais, as pessoas precisam ter em mente que todas as pessoas são iguais, são cidadãos, e essa mentalidade começa no período escolar. O Brasil é um país muito miscigenado, com diferentes culturas, cores, reações sociais entre outros fatores, e esses fatores contribuem muito para que a sociedade brasileira passe a ter um respeito maior pelo próximo. No contexto escolar isso não é diferente. É no período de escolarização que todas as pessoas aprendem a diferença, a diferença que não deve existir. É dentro das salas de aula que isso deve ser passado: como respeitar o próximo sem distinção, afirma Mantoan (2005).

A educação brasileira ainda peca muito na questão da diferença entre pessoas, e essas barreiras sociais são difíceis de ser retiradas quando instaladas mentalmente. O desenvolvimento dos professores também é uma pré-condição para o desenvolvimento da escola e, em geral, a experiência demonstra que os docentes são maus executores das ideias dos outros.

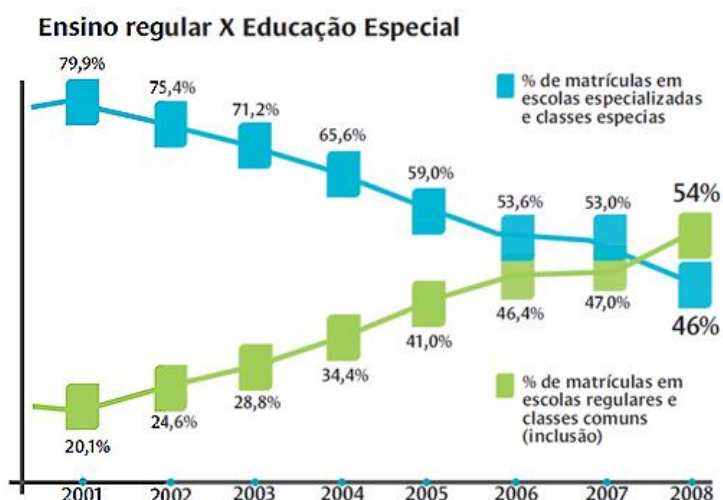
Os docentes do país também precisam ser reavaliados, pois o professor é o principal autor do conhecimento, é ele quem passa dentro da sala de aula o “conhecimento de mundo”. Professores com boa formação, que estejam dispostos a lidar com todas as diferenças sociais são os mais preparados para essa missão, e isso deverá vir e conjunto com a sociedade, considera Cavalcante (2005).

## 2.2.2 O novo papel da Educação Especial

As escolas regulares existiram até 2008, quando a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva acabou com essas instituições. Neste momento, foram aplicadas novas formas de oferecimento de educação para todos, e neste mesmo ano, pela primeira vez, o número de alunos com algum tipo de síndrome no ensino regular superou o de matriculados em salas especiais.

Atualmente, a educação especial é apenas uma forma de ensino complementar.

**Figura 1** – Gráfico Comparação: Ensino Regular x Educação Especial.



Fonte: PLANETA SUSTENTÁVEL, 2008. Disponível em: [http://planetasustentavel.abril.com.br/pops/a\\_inclusao\\_que\\_ensina-Pop2.shtml](http://planetasustentavel.abril.com.br/pops/a_inclusao_que_ensina-Pop2.shtml). Acesso em: 05 mar. 2016.

Agora, o professor precisa ter uma visão e uma formação mais ampla, além de planejar planos escolares para que as barreiras entre os próprios estudantes diminuam. Eles precisam ter em mente que a sociedade está mudando, e que com ela virão vários desafios, principalmente no que se trata de educação.

### 2.3 LIVRO INFANTIL

Os livros fazem parte do cotidiano de crianças e adultos do mundo todo. Mas a literatura infantil começou apenas no século XVIII, e antes disso, as crianças ainda não eram vistas efetivamente como crianças, e liam apenas contos ou clássicos da vida social adulta. As crianças da nobreza liam os grandes clássicos e as mais pobres liam lendas literatura de cordel (contos folclóricos muito populares na época). Com o tempo, esse tipo de literatura também evoluiu para atingir o público infantil, afirma Gomes (2006).

Mas ao longo do século XX, a produção de livros manteve-se limitada pois os recursos mais elaborados de produção gráfica eram caros e limitados. Nessa época, os livros passaram a ser utilizados apenas para contar uma estória, e de uma maneira em geral, apresentavam desenhos e pequenos textos, não procurando uma interação diferente com o leitor.

Alguns autores fizeram grande sucesso mundialmente por conta de suas literaturas, dentre eles se pode citar “Chapeuzinho Vermelho” e “O Barba Azul”, de Perrault, e “A Branca de Neve”, dos Irmãos Grimm. Literatura estas que até hoje permanecem vivas na sociedade, como mostradas nas seguintes figuras.

**Figura 2** – Capa do Livro "Chapeuzinho Vermelho", de Charles Perrault.



Fonte: CANTINHO DA CRIANÇA, 2011. Disponível em:  
<<http://algumashistoriasinfantis.blogspot.com.br/2011/08/chapeuzinho-vermelho.html>>.  
Acesso em: 05 de maio de 2016.

**Figura 3** – Capa do Livro "Barba Azul", de Charles Perrault.



Fonte: PINTEREST, 2016. Disponível em:  
<<https://br.pinterest.com/pin/465981892674143940/>>. Acesso em: 05 de maio de 2016.

**Figura 4** – O livro “A Branca de Neve”, também de Charles Perrault.

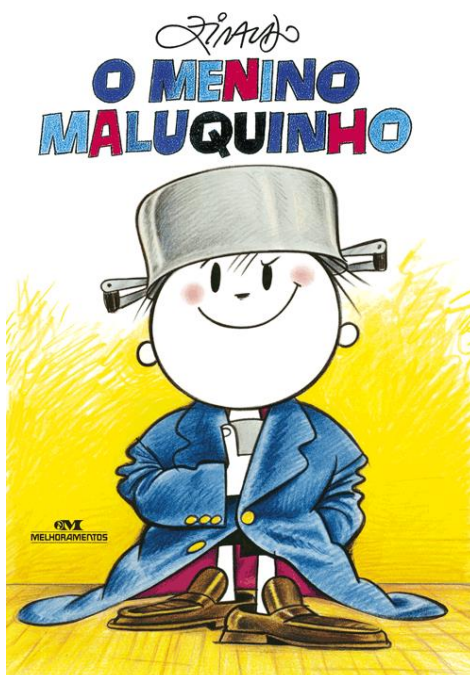


Fonte: UMA EDITORA DE VERDADE, 2012. Disponível em:  
<<http://geracaoeditorial.com.br/release-branca-de-neve-dos-irmaos-grimm/>>. Acesso em:  
05 mai. 2016.

No Brasil, grandes autores como Carlos Jansen e Olavo Bilac foram os principais responsáveis pelo início da literatura infantil no país. Porém, o maior e mais importante escritor infantil do Brasil, foi José Bento Monteiro Lobato, nascido em São Paulo em 1882, foi um grande autor de diversas literaturas famosas como “O Sítio do Pica Pau Amarelo”, e foi com ele que a literatura infantil começou realmente, indica Gomes (2006).

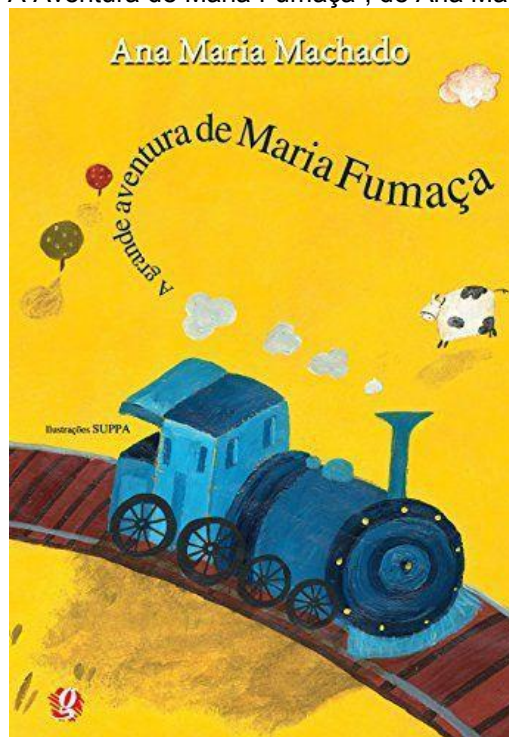
Ziraldo, autor de “O Menino Maluquinho” e Ana Maria Machado, autora de “A Grande Aventura de Maria Fumaça”, estes autores também fizeram história na literatura infantil.

Figura 5 – “O Menino Maluquinho”, de Ziraldo.



Fonte: EDITORA MELHORAMENTOS, 2005. Disponível em: <<http://editoramelhoramentos.com.br/v2/titulos/o-menino-maluquinho/>>. Acesso em: 05 mai. 2016.

Figura 6 – “A Aventura de Maria Fumaça”, de Ana Maria Machado.



Fonte: FUNFLYSHIP. Disponível em: <<http://funflyship.com.br/a-grande-aventura-de-maria-fumaca.html>>. Acesso em: 05 mai. 2016.

Mesmo que a literatura infantil seja diretamente para as crianças, tanto os materiais como o público precisam ser estudados.

Esse tipo de público é um público que está em pleno desenvolvimento corporal e psicológico, mas com diferentes etapas de desenvolvimento e amadurecimento, portanto, os materiais literários infantis precisam ser feitos através de todo esse estudo, é o que revela Linden (2011).

Todo material traz uma mensagem ao seu leitor. Nos livros infantis, essas mensagens vêm através da própria narrativa visual, contendo muitas imagens e ilustrações para que juntas, possam transmitir ao público infantil uma maior interação entre livro e leitor.

Para produzir esses materiais para o público infantil, é preciso ter em mente que elas também possuem preferências na hora da leitura, como por exemplo, o formato do material.

Geralmente, livros grandes chamam mais atenção das crianças, de forma que as instiga a ler o que tem no livro, assim como livros com formatos diferenciados, de caráter lúdico para a leitura também chamam bastante atenção das crianças.

“Quando se é pequeno quanto maior o livro, mais a leitura vai parecer uma aventura” (LINDEN, 2011. p. 55).

## 2.4 DESIGN EDITORIAL E ACESSIBILIDADE.

O Design Editorial é uma vertente do design gráfico que realiza o projeto gráfico na editoração, e está fortemente ligado ao jornalismo.

O Design Editorial é a área que ao entrar em contato com a sociedade, pode ajudar de diferentes formas. A maneira como o designer desenvolve os materiais impressos faz com que o leitor absorva melhor tudo que está escrito. Uma forma de leitura diferente, palavras bem organizadas, escolha de cores, tipografias bem usadas, layouts e formatos influem muito tanto o leitor quanto o autor.

O designer é responsável pelo projeto da natureza física do livro, seu visual e sua forma de apresentação, além de cuidar do posicionamento de todos os elementos na página. Em conjunto com o editor, o designer seleciona o formato do livro e decide como será o seu acabamento. Os designers planejam grades, selecionam a tipografia e o estilo do layout da página. Eles também trabalham com os pesquisadores de fotos, ilustradores e fotógrafos fazendo a direção de arte e preparando imagens. O designer recebe um briefing do editor e encaminha a arte-final, geralmente em formato digital, para um gerente de produção ou diretamente para uma gráfica. O designer e o editor trabalham juntos na supervisão do processo de prova. Nos dias atuais, muitos livros de não ficção têm orientação visual, sendo frequentemente os designers os idealizadores de livros ou de coleções para as editoras (HASLAM, 2006, p. 17).

Em contrapartida, o design do livro e/ou do design editorial ainda é bastante invisível. A maioria das pessoas não enxerga o livro além das palavras, e o designer precisa saber lidar com isso, ele precisa saber colocar uma letra ao lado da outra, precisa saber “montar” um bom material. Para ler uma obra com prazer, é preciso saber enxergar o modo como as palavras se apresentam, e não apenas seus significados.

Haslam (2006) diz que o livro impresso tem sido um dos meios mais influentes para a dispersão de ideias e mudou o fluxo do desenvolvimento intelectual, cultural e econômico da humanidade, e é desde seu surgimento que eles têm tido uma grande – se não a maior – participação na educação mundial. A forma como são distribuídos e utilizados define seu aproveitamento. Na educação brasileira isso não é diferente, porém, com o passar do tempo e com a tecnologia, é muito difícil, por vezes, achar diversos tipos de materiais como livros e seus afins que sejam próprios para crianças e jovens, o que acarreta a situação da má escolarização.

Atualmente os materiais impressos têm sido bem esquecidos por conta das mídias digitais. O mundo das informações vem avançando muito, o que faz com que os livros fiquem por mais tempo na prateleira, e isso se torna ainda mais constante quando se trata de materiais para um determinado grupo.

Antigamente esses materiais eram bem mais acessíveis, o número de impressos era muito maior e até mesmo a vontade era maior, as crianças não eram roubadas pelas mídias digitais e tinham mais tempo para a escola. A modernidade, querendo ou não vem deixando as pessoas mais preguiçosas, o que faz com que materiais educacionais tão importantes sejam deixados de

lados e sejam postos à nossa frente com apenas um clique. Ter a acessibilidade, de achar o que se procura, para ler, entender, escrever não é mais tão frequente, e quem ainda procura isso se sente perdido.

O acesso a todos esses tipos de materiais está precária, é preciso que se criem produções de livros principalmente para crianças e jovens que estão em período de escolarização e estimulá-los a ler e a escrever. Dar a eles algo palpável para tocar, para se sentir instigado pelo livro e se sentir dentro da história faz com que o apego pela leitura cresça, e a leitura é um dos principais (senão o maior) fatores que faz com que a educação brasileira esteja como está atualmente. A leitura estimula a criança a aprender e absorver para si o que está ali escrito, e ter acesso a esses tipos de materiais pode fazer com que se mude a atual educação do país, e isso vem muito ligado ao design editorial, que faz com que uma boa produção de um material para escolares seja o suficientemente bom para a criação de mais produções e impressões para que estas sejam inclusas dentro das salas de aula.

## 2.5 DESIGN EDITORIAL E SUAS FERRAMENTAS

O design editorial, como já falado acima, possui ferramentas essenciais que juntas, ajudam a produzir um bom trabalho diante das questões problematizadas neste estudo quando se trata de atender necessidades de crianças com dislexia.

Os elementos abaixo mencionados consistem em apresentar elementos que compõem o projeto gráfico de um livro e que vão nos permitir entender as opções que faremos em nosso projeto.

### **2.5.1. Formato**

Haslam (2006) diz que um livro pode ser de qualquer tamanho ou formato, desde que ambos sejam projetados para uma boa leitura. Dessa forma, o público alvo é de suma importância, pois influencia de forma significativa.

Com o passar dos anos, alguns padrões foram desenvolvidos, dentre esses está a seção áurea,

Além do formato, os tipos de papel também devem ser de conhecimento do designer. Araújo (2008) diz que no Brasil, para livros infantis, os formatos mais utilizados são AA, onde a folha mede 760x1120mm.

No caso das crianças, os livros têm como objetivo incentivar a interação das crianças com o material.

### **2.5.2. Tipografia**

A tipografia é a principal ferramenta de comunicação de um texto, é o item que mais se comunica com o leitor, logo, ela é um dos pilares do design gráfico.

A tipografia de um material deve ser especialmente legível e visualmente envolvente. O interesse visual é realizado através da escolha adequada das fontes tipográficas do texto de acordo com o público alvo.

Niemeyer (2010) afirma que nunca se deve utilizar uma tipografia clara em um fundo claro. Para impressos, o melhor é sempre usar uma letra preta com um fundo branco, enquanto que no computador, isso pode ser diferenciado, porém, o contraste sempre deve aparecer para uma melhor assimilação do texto, seja ele em impressos ou digitais.

A tipografia tem a importante função de induzir o leitor à leitura, de modo que facilite seu entendimento acerca do conteúdo e aprofunde seu conhecimento, afirma Niemeyer (2010).

Para os livros infantis, a escolha da tipografia passa a ser mais importante ainda. Lourenço (2011) fala sobre a escolha tipográfica para crianças:

É recomendado o uso de caracteres infantis, que apresentem simplicidade em seu desenho, e que sejam grandes, mas que sejam dispostas em linhas curtas e parágrafos não muito largos. O espaçamento entre linhas deve ser grande, assim como em suas palavras e letras, para que haja o reconhecimento destas.

### **2.5.3. Ilustração**

A ilustração, juntamente com a tipografia, é uma das principais ferramentas do design, ela é utilizada para, explicar, interpretar e/ou acrescentar informação a um texto. A ilustração tem o grande poder de causar efeitos que permitem que essa relação texto/imagem provoque uma grande interação do leitor com o conteúdo apresentado no material.

Zeegen (2009) diz que as ilustrações são comuns em jornais, revistas e livros, mas ganham destaque especialmente na literatura infanto-juvenil, assumindo muitas vezes um papel tão importante quanto o texto. No livro infantil, a relação texto/imagem é imensamente explorada. Essa relação enriquece os valores tanto psicológicos como pedagógicos e emocionais.

Muitos afirmam que o livro foi a primeira mídia dos ilustradores. O relacionamento entre a escrita e a imagem ilustrada é tido como muito especial, e começou com as iluminuras em manuscritos religiosos, criadas entre os séculos VII e VIII, prosseguindo com o nascimento da imprensa em 1455. Até a invenção da câmera e da fotografia em 1839, a ilustração era a única forma que uma imagem impressa podia assumir. Desde que a representação fotográfica tornou-se a norma, a popularidade da imagem ilustrada declinou. Dentro do mercado editorial atual, os setores que mais demandam o trabalho de ilustradores são os livros infantis, de ficção, e às vezes manuais técnicos, embora mesmo esses tenham, cada vez mais, começado a usar a fotografia (ZEEGEN, 2009, p. 92).

A imagem apresenta as seguintes funções: Camargo, (1995 *apud* FERNSTERSEIFER, 2012):

**Quadro 1** – Função da imagem.

<b>PONTUAÇÃO:</b> imagem destaca aspectos importantes do texto, ou assinala seu início ou seu término.
<b>DESCRITIVA:</b> descreve objetos, cenários, personagens. Muito presente em livros informativos ou didáticos.
<b>NARRATIVA:</b> mostra uma ação ou cena. Conta uma história ou sequência de fatos.
<b>SIMBÓLICA:</b> ilustração representa uma ideia.
<b>EXPRESSIVA/ÉTICA:</b> representa emoções através de posturas, gestos, expressões faciais dos personagens.
<b>ESTÉTICA:</b> impacto da ilustração vem mais da técnica do que do conteúdo. Destaca pinceladas, luz, enquadramento;
<b>LÚDICA:</b> características inusitadas, brincam com a percepção: livros de pano, recortes, elementos móveis, sonoros;
<b>METALINGUÍSTICA:</b> a ilustração se interessa por códigos visuais. Exemplo: modelos de representação.

Fonte: Adaptado de FERNSTERSEIFER, (2012, p, 65, 66):

Para melhor compreender a composição do projeto, é importante enfatizar que segundo Linden (2011) os estilos de ilustrações correspondem a:

**TRADICIONAIS:** representações convencionais, doces e harmoniosas da realidade. Tons pastéis e luminosos.

**Figura 7** – Exemplo do estilo tradicional do livro de Linden (2011).

Fonte: LINDEN (2011, pg. 39)

**CARICATURAIS:** traços irregulares e expressivos. Cores acentuadas e formas distorcidas.

**Figura 8** – Exemplo do estilo caricatural do livro de Linden (2011).



Fonte: LINDEN (2011, pg 40)

**ESCOLA FRANCESA:** recursos expressivos da pintura: espessura da tinta, marca das pinceladas, traços acentuados, cores densas, contornos espessos pretos.

**Figura 9** – Exemplo do estilo escola francesa do livro de Linden (2011).



Fonte: LINDEN (2011, pg. 41)

**FAUVISTA:** semelhante à escola francesa, mas com traços e cores emaranhados sem fundo preto.

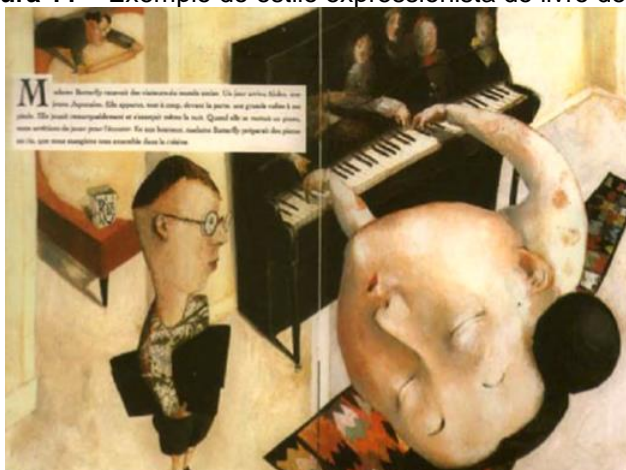
**Figura 10** – Exemplo do estilo fauvista do livro de Linden (2011).



Fonte: LINDEN (2011, pg. 41)

**EXPRESSIONISTA:** contraste entre duas cores, formas estiradas na vertical, jogo de luz de sombra.

**Figura 11** – Exemplo do estilo expressionista do livro de Linden (2011).



Fonte: LINDEN (2011, pg. 41)

#### 2.5.4. Diagramação

A diagramação é uma das principais práticas do design gráfico, e consiste em espalhar os elementos gráficos em um espaço delimitado de uma página

impressa ou em diversas mídias como jornais, livros, revistas, cartazes, entre outros, de acordo com uma hierarquia de informações.

Nos livros infantis, há diversos tipos de diagramação. LINDEN (2011) diz que para se chegar a uma boa diagramação, é preciso obedecer alguns princípios básicos do design, dentre elas estão os tipos de diagramação: **dissociação, associação, compartimento e conjunção.**

**DISSOCIAÇÃO:** na dissociação, os textos ficam à esquerda e imagens à direita. Frequentemente imagens são sangradas, gerando a leitura mais vagarosa.

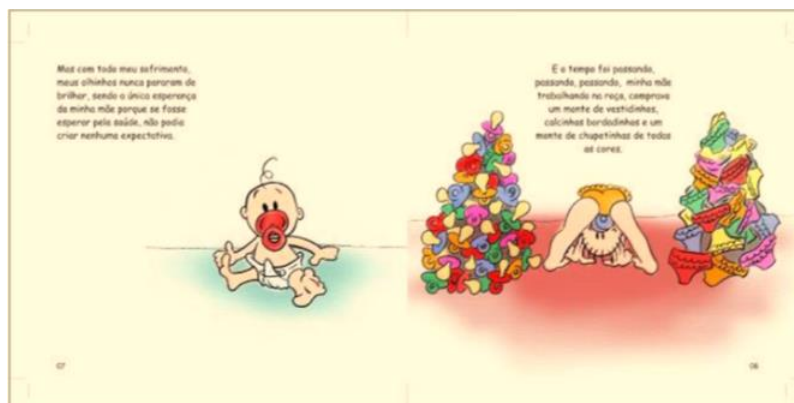
**Figura 12** – Exemplo do estilo diagramação dissociação



Fonte: PATRÍCIA WEISS, 2011. Disponível em: <[patriciaweiss.blogspot.com.br/2011/02/livro-lapis-de-flor.html](http://patriciaweiss.blogspot.com.br/2011/02/livro-lapis-de-flor.html)>. Acesso em: 03 jun. 2016.

**ASSOCIAÇÃO:** na associação, os elementos visuais e textuais atuam em conjunto em cada página. Imagens e textos são separados com linhas, imagens em página dupla com textos protegidos, ou várias imagens e textos na mesma página. Segundo a autora, gera leitura mais dinâmica, pelo revezamento dos elementos na narrativa.

**Figura 13** – Exemplo do estilo diagramação associação



Fonte: MURURU DESIGN, 2011. Disponível em: <[mururudesign.blogspot.com.br/2011/03/eita-e-tudo-mudou-livro-infantil.html](http://mururudesign.blogspot.com.br/2011/03/eita-e-tudo-mudou-livro-infantil.html)>. Acesso em: 03 jun. 2016.

**COMPARTIMENTAÇÃO:** na compartimentação há moldura nas imagens. Os textos ficam dispostos de forma periférica às imagens, ou texto em balões, semelhantes a histórias em quadrinhos.

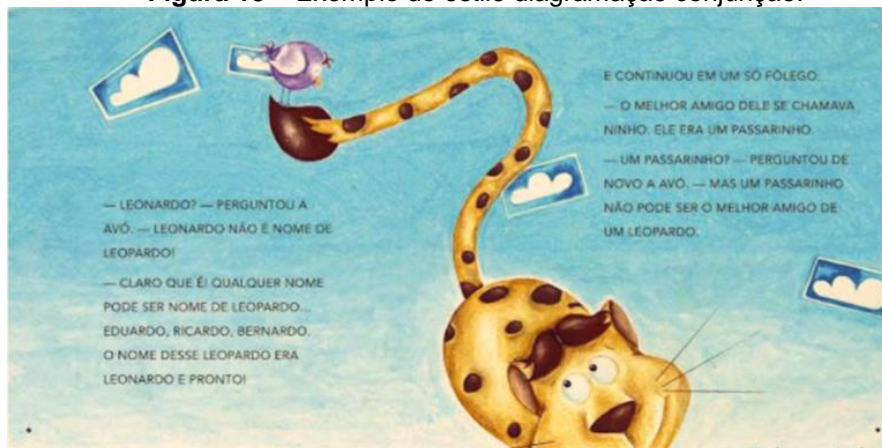
**Figura 14** – Exemplo do estilo diagramação compartimentação do livro de Fensterseifer (2012).



Fonte: FENSTERSEIFER (2012, pg 153).

**CONJUNÇÃO:** imagens e textos sem espaços contidos. Sobreposição e interação entre textos e ilustrações. Textos entremeados e não contínuos. Leitura simultânea de imagem e texto.

**Figura 15** – Exemplo do estilo diagramação conjunção.



Fonte: CAROL JUSTE ILUSTRADORA. 2014. Disponível em: <caroljusteillustradora.blogspot.com.br>. Acesso em: 03 jun. 2016.

### 2.5.3 Grid

Outro aspecto relevante que corresponde a visualização do corpo do projeto em sua estrutura elementar é o grid, que segundo Samara, é entendido como:

Um grid consiste num conjunto específico de relações de alinhamento que funcionam como guias para a distribuição dos elementos num formato. Todo grid possui as mesmas partes básicas, por mais complexo que seja. Cada parte desempenha uma função específica; as partes podem ser combinadas segundo a necessidade, ou omitidas da estrutura geral a critério do designer, conforme elas atendam ou não às exigências informativas do conteúdo. (SAMARA, 2007, p. 24).

**GRID RETANGULAR:** O grid retangular é a estrutura mais simples, pois é o tipo de grid que ocupa a maior parte da página e que consegue acomodar um longo texto corrido, mas também pode causar cansaço ao leitor, por isso, quando utilizado, o grid retangular deve chamar atenção do leitor de outra forma, para que este mantenha um interesse visual, seja na tipografia, no seu espaçamento ou na margem.

**Figura 16** – Exemplo de grid retangular do livro de Samara Timothy.



Fonte: SAMARA (2007, p. 26)

**GRID DE COLUNAS:** Serve para separar diversos tipos de texto, além de conseguir ser composto em por outros tipos de grid dentro do material, sendo cada grid destinado para cada tipo de conteúdo.

**Figura 17** – Exemplo de grid de colunas do livro de Samara Timothy.



Fonte: SAMARA (2007, p. 26)

**GRID MODULAR:** Grid de colunas com muitas guias horizontais, muito usados para gráficos e formulários.

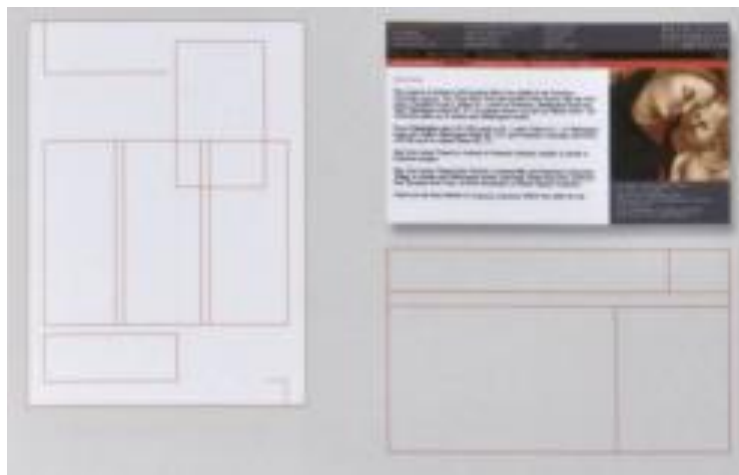
**Figura 18** – Exemplo de grid modular do livro de Samara Timothy.



Fonte: SAMARA (2007, p. 28).

**GRID HIERÁRQUICO:** A largura das colunas e entre colunas varia. A página da internet é um exemplo.

**Figura 19** – Exemplo de grid hierárquico do livro de Samara Timothy.



Fonte: SAMARA (2007, p. 29)

## 2.6 DISLEXIA E LITERATURA PARADIDÁTICA

**Figura 20 – Dislexia.**



Fonte: CENTRO APOIO DEPARTAMENTO PSICOPEDAGÓGICO. Disponível em: <<http://www.centropsicopedagogicoapoio.com.br/wp-content/uploads/2012/02/a-pessoa-dislexia-tem-dificuldade-em-ler-escrever-soletrar-4f0f38b1297f71.jpg>>. Acesso em: 07 jun 2016.

Para um maior entendimento, é importante ter claro do que se trata a Dislexia e como identificá-la e neste tópico será mostrado como isso pode ser feito.

A dislexia possui inúmeras versões, citadas tanto por autores como por organizações especializadas acerca do distúrbio. Segundo Capellini *et al.*, (2011), a dislexia é caracterizada pela falha de comunicação entre o que os olhos veem e o que o cérebro entende. A pessoa enxerga a informação, pode ver perfeitamente todas as formas das letras, mas por alguma razão, o processo de entendimento é falho, ou mais lento.

Atualmente, o conceito mais aceito de dislexia é um transtorno específico de aquisição e do desenvolvimento da aprendizagem da leitura, caracterizado por um rendimento em leitura inferior ao esperado para a idade e que não se caracteriza como resultado direto do comprometimento da inteligência geral, lesões neurobiológicas, problemas visuais ou auditivos, distúrbios emocionais ou escolarização inadequada. (CAPELLINI *et al.*, 2011, p. 30).

Para Capellini *et al.*, (2011), nessa época, a dislexia chegou a ser chamada de diversos nomes como “cegueira verbal”, “dislexia congênita”, estrefossimbolia, entre outros.

### 2.6.1 Desenvolvimento por Idade e sintomas

O quadro a seguir ajuda a entender como ocorre o desenvolvimento por idade das crianças:

**Quadro 2** – Período de desenvolvimento por idade.

Aos 3 meses	Se começa o período do balbucio, onde a criança produz uma pequena sequência de sons.
Aos 9 meses	A criança ouve e repete a fala das outras pessoas, mas as palavras são utilizadas sem significado.
Dos 12 aos 18 meses	A criança começa a pronunciar palavras simples com significados, muitas vezes acompanhadas de gestos. São exemplos palavras como “olá”, “pipi”, “papá”.
Dos 18 aos 24 meses	A criança começa a formar frases de duas palavras, como por exemplo, “tá quente”.
Por volta dos 2 anos	A criança poderá utilizar cem ou mais palavras diferentes.
Dos 2 aos 3 anos	As frases das crianças tornam-se mais longas, por exemplo, “gosto do bolo”, ou “Pedro bateu no bebê”.
Aos 3 anos	O comprimento médio das frases é de quatro palavras, e já são produzidos quase todos os sons.
A partir dos 3 anos	Começam a ser usadas frases mais elaboradas, com vários substantivos, verbos no pretérito e no futuro, e frases como, por exemplo, “fomos à casa do Pedro, tomamos leite e comemos bolo”. Contudo, são frequentes os erros como, “fomos amanhã ao jardim”, que refletem a imaturidade linguística da criança.

Fonte: CAPELLINI *et al*, 2011, p.30. Adaptado pela pesquisadora.

Esse é o chamado desenvolvimento linguístico. Cada período da criança vem acompanhado do seu desenvolvimento linguístico, mas se ao decorrer da idade não houver esse desenvolvimento, é importante se atentar a outros sintomas que podem ser da dislexia.

Crianças e adultos possuem os mesmos sintomas, a diferença é que, por conta do período escolar das crianças, a detecção delas se torna mais fácil, já que é no período de alfabetização delas que se começa a apresentar dificuldades de leitura e escrita, afirma Capellini *et al*, (2011).

Algumas pessoas podem ter todos os sintomas da dislexia, enquanto outras podem ter apenas alguns, mas se esses sintomas aparecem apenas na fase de desenvolvimento da criança ou se alguns só aparecem algumas vezes, os sintomas podem não estar associados à dislexia, já que há possibilidades da criança apresentar um quadro de educação mais satisfatório mais tardiamente do que a média de crianças de sua idade.

A dificuldade para entender o que está ouvindo e a dificuldade de adaptação nos primeiros anos escolares também são alguns sintomas. Se posteriormente a criança continuar apresentando esses sintomas e nada for feito para que haja a identificação da dislexia, a criança pode futuramente apresentar outros sinais como lentidão para fazer seus deveres e ter pouca compreensão do texto. A sua fluência na leitura acaba se tornando imprópria para sua idade, e sua grafia pode ser feia e até ilegível. Muitas vezes, eles resistem à leitura, principalmente em voz alta, possuem dificuldade para ler as horas e possuem grandes problemas com aritmética básica e/ou matemática avançada, geralmente, eles dependem do uso dos dedos para contar, de truque e objetos para calcular. Se frustram muito fácil com a escola, com a leitura, com a matemática e com a escrita, não conseguem associar o símbolo gráfico e as letras ao som que elas representam. Podem confundir direita com esquerda, ou escrever de forma invertida. Para Capellini *et al*, (2011)., também podem separar ou juntar palavras tornando-as incoerentes. Pode haver eliminação e/ou acréscimo de sílabas ou letras, além de confundirem palavras

com grafia similar, como por exemplo: N e U, W e M, A e E, P e Q, P e B, B e D.

Outro sintoma da dislexia é ter a necessidade de seguir a linha de texto com os dedos. As crianças tem dificuldade em ler palavras que não terminam na mesma linha, além de não conseguirem ler quando o fundo da página possui cor forte.

A dislexia possui várias vertentes, que vão da dificuldade de escrever, de elaborar textos, de falar e até mesmo de calcular. Seus tipos serão explicados no seguinte quadro:

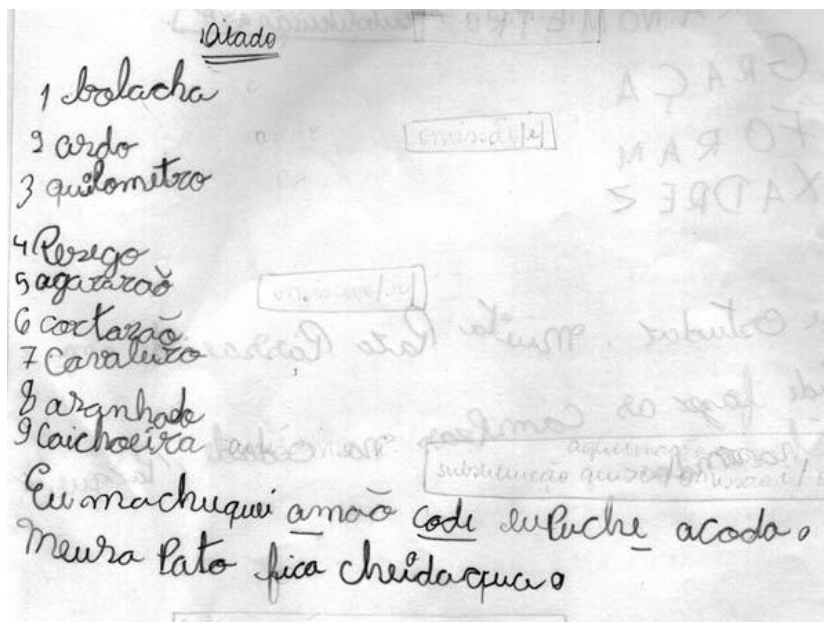
**Quadro 3 –** Vertentes da dislexia.

DISGRAFIA	Dificuldade que afeta a qualidade de escrita do sujeito, no que se refere ao seu traçado ou à sua grafia.
DISORTOGRAFIA	Dificuldades na organização, estruturação e composição de textos escritos.
DISCALCULIA	Um distúrbio de aprendizagem que interfere negativamente com as competências de matemática onde as pessoas têm dificuldades com números.
DISLALIA	Onde as pessoas tem distúrbio na fala.

Fonte: [www.designculture.com.br](http://www.designculture.com.br)

## DISORTOGRAFIA

Figura 21 – Exemplo de disortografia.

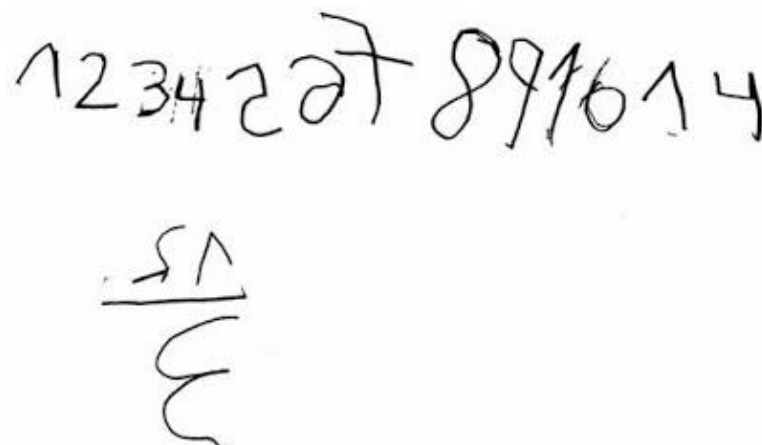


Fonte: CENTRO DE FONOAUDIOLOGIA. Disponível em: [www.centrodefonoaudiologia.com/disortografia-dificuldade-de-aprendizagem/](http://www.centrodefonoaudiologia.com/disortografia-dificuldade-de-aprendizagem/). Acesso em: 08 jun. 2016.

A disortografia é basicamente a dificuldade de desenvolver a linguagem escrita, ocasionando uma má escrita e uma má gramática. O traço da letra, a falta de clareza na escrita e a lentidão na hora de escrever são alguns sinais da disortografia. As pessoas que sofrem de disortografia tendem a escrever textos curtos, além de esquecerem frequentemente os sinais de pontuação.

Para que haja uma melhora, o caderno de ortografia ajuda a trabalhar com a percepção e coordenação motora da criança, e conseqüentemente, ajuda a melhorar seu desempenho na escrita, enfatiza, Reis (2011).

## DISCALCULIA

**Figura 22** – Exemplo de discalculia.

Fonte: EDUCAR PARA UMA VIDA CRIATIVA, 2013. Disponível em:  
<<http://educarparaumavidacriativa.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 08 jun. 2016.

A Discalculia, segundo Alves (2013), é a dificuldade em aprender tudo o que está relacionado a números, no entanto a discalculia não é causada por má escolarização, deficiência mental, déficits visuais ou auditivos ou qualquer ligação com níveis de QI.

Para o professor diagnosticar a discalculia em seu aluno, é fundamental ficar atento se, com frequência, os símbolos são escritos corretamente, se há incapacidade em operar com quantidades numéricas, se não reconhece os sinais das operações, etc.

Existem seis tipos de discalculia:

**Quadro 4** – Tipos de discalculia.

VERBAL	Resistência em nomear números, termos e símbolos.
LÉXICA	Problemas para ler os símbolos matemáticos.

PRACTOGNÓSTICA	Dificuldade para enumerar, comparar e/ou manipular objetos ou imagens matemáticas.
GRÁFICA	Dificuldade em escrever símbolos matemáticos.
OPERACIONAL	Resistência para executar operações e cálculos numéricos.
IDEOGNÓSTICA	Dificuldade para mentalizar as operações e para compreender os conceitos matemáticos.

Fonte: [www.centropsicopedagogico.com.br](http://www.centropsicopedagogico.com.br)

## DISLALIA

**Figura 23** – Exemplo de dislalia



Fonte: FONOAUDIOLOGIA POR ERICA SITTA, 2015. Disponível em: <https://ericasitta.wordpress.com/2015/11/29/como-reconhecer-a-dislalia/>. Acesso em: 07 jun. 2016.

A Dislalia é um distúrbio na fala, semelhante ao personagem Cebolinha da Turma da Mônica, que é conhecido por trocar a letra “R” por “L”. A Dislalia é

caracterizada pela dificuldade em pronunciar as palavras, seja excluindo, acrescentando, alterando ou distorcendo os fonemas.

Até os quatro anos, o erro em pronunciar as palavras é considerado normal, mas após essa idade, se a criança continuar falando errado, até a escrita pode ser afetada.

A dislalia está subdividida em quatro tipos:

**Quadro 5** – Tipos de dislalia.

EVOLUTIVA	Considerada normal em crianças e corrigida gradativamente durante o desenvolvimento.
FUNCIONAL	Quando ocorre a substituição ou eliminação das letras durante a fala e/ou distorção do som.
AUDIÓGENA	Acontece em indivíduos com deficiência auditiva, pois não consegue imitar os sons.
ORGÂNICA	Ocorre em casos de lesão no encéfalo, o que impossibilita a pronúncia correta, ou quando há alteração na boca.

Fonte: [www.centropsicopedagogico.com.br](http://www.centropsicopedagogico.com.br)

Após a definição de dislexia e seus sintomas, é preciso se falar do tratamento da dislexia. O distúrbio não possui cura, apenas tratamento, que demanda paciência.

Assim que o diagnóstico é feito e seu grau é identificado, os pais da criança em conjunto com o professor, devem se juntar a profissionais que a tratarão. Pedagogos, psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos e até mesmo um neurologista devem se juntar para propor um aprendizado adequado para essa criança.

Se houver o tratamento precoce, as chances de desenvolvimento são muito grandes! A Associação Brasileira de Dislexia diz que o tratamento é baseado

em técnicas de escrita e leitura, o que estimula o cérebro a entender as letras de forma mais adequada e a redução do distúrbio nos pacientes chega a 80%.

### **3 DESENVOLVIMENTO DE UMA LITERATURA PARA CRIANÇAS DISLÉXICAS.**

Como mencionado anteriormente, o objetivo deste estudo consistiu em aplicar o design editorial e seus conceitos para o desenvolvimento de uma literatura paradidática para crianças disléxicas, com a grande finalidade de propor uma melhor leitura a estas dentro das salas de aula.

As informações já apresentadas ao longo do trabalho foram obtidas através de observações feitas diretamente no campo de estudo, observações estas que tiveram pontos fundamentais que levaram a definir o projeto, tendo como uma grande base informacional uma profissional da área de pedagogia que auxiliou o andamento do projeto ao longo da pesquisa.

Pontos fundamentais:

- Um público ainda pouco estudado e conhecido;
- Materiais criados pela própria docente dessas crianças;
- E a vontade de estudar mais profundamente esse público alvo.

Neste capítulo apresento a proposta do projeto, citando as etapas da metodologia projetual aplicada juntamente com a história da associação.

#### **3.1 DESIGN DO LIVRO E OS CAMINHOS NO PROJETAR.**

A metodologia projetual é um elemento primordial na formação do designer, pelo menos no curso de Design da UEPA. E foram quatro anos de muitas

experiências nesse fazer design. Portanto é necessário destacar que, a metodologia projetual serve para que a proposta do projeto seja apresentada da melhor maneira possível, para que o resultado final saia como o esperado.

No caminho deste projeto, muito foi utilizado das contribuições de Bruno Munari, que muitas vezes pode aparecer defasado, porém, aqui acrescento minhas experiências pessoais, considerando que Munari apresenta sua metodologia de forma muito simples:

**P DP CP CD AD C MT E M V S**

**Quadro 6** – Esquema da metodologia projetual de Bruno Munari.

<p>O <b>problema</b>, para ser um problema, é preciso saber se tem solução ou não. O problema resulta de uma necessidade, e a partir das necessidades são gerados os problemas.</p>
<p>Na <b>definição do problema</b>, Munari (2002) cita como exemplo uma luminária. A definição do problema consiste em estabelecer se essa luminária será de mesa, cabeceira, de parede, se vai ser incandescente ou fluorescente, se vai ser distribuída ou se terá um limite para venda, se vai ser desmontável ou articulável, entre outros.</p>
<p>Os <b>componentes do problema</b> são as divisões do problema. Munari (2002) diz que dividir o problema em seus componentes facilita o projeto.</p>
<p>“O princípio de decompor um problema em seus componentes para poder analisa-los remonta ao método cartesiano”. Munari (2002).</p>
<p>A <b>coleta de dados</b> significa recolher dados para posteriormente decidir sobre quais elementos poderão construir o projeto. Porém, será necessário também verificar se alguém já não pensou nisso.</p>
<p>Na <b>análise dos dados</b>, como o próprio nome diz, os dados coletados serão analisados. Voltando ao caso da luminária, nessa parte, depois de todos os dados analisados, se irá averiguar como foram resolvidos os subproblemas.</p>

<p>“A análise de todos os dados recolhidos pode fornecer sugestões acerca do que não se deve fazer para projetar bem uma luminária, e pode orientar o projeto de outros materiais, outras tecnologias, outros custos”. Munari (2002).</p>
<p>A etapa da <b>criatividade</b> é a etapa em que já se tem bastante material para se montar um projeto.</p>
<p>A etapa de <b>materiais e tecnologia</b> consiste na pesquisa de materiais e tecnologias que uma pessoa tem para que a haja a realização do projeto. Munari (2002). É basicamente uma nova coleta de dados, só que agora de materiais e tecnologia.</p>
<p>Na fase da <b>experimentação</b>, se irá experimentar tais materiais e técnicas para a realização do projeto.</p>
<p>“A experimentação de materiais e técnicas e, portanto, também, de instrumentos, permite recolher informações sobre novas formas de aplicação de produtos inventados para uma nova finalidade”. Munari (2002).</p>
<p>O <b>modelo</b> nasce de experiências e conclusões. É a partir do modelo que se começará a estabelecer relações entre dados recolhidos e subproblemas. É a partir daí que nascerão os esboços.</p>
<p>Na <b>verificação</b> acontecerá a verificação do modelo, etapa vista acima. Os modelos funcionais serão expostos à um certo número de usuários e à partir destes se terá uma opinião acerca do projeto. Com base em todos esses dados já recolhidos, os desenhos de construção já podem ser preparados.</p>
<p>A etapa da <b>solução</b> é a etapa final, onde o material já pronto será distribuído.</p>

Fonte: MUNARI, 2002. Adaptado pela pesquisadora.

O projeto que será realizado seguirá a metodologia de Bruno Munari de acordo com as etapas explicadas acima.

O **problema** consiste em elaborar uma proposta de literatura paradidática para crianças com dislexia da Associação Beneficente Milton Pereira de Melo.

A **definição do problema** é o desenvolvimento uma proposta de organização solucionando os principais problemas diagnosticados junto às crianças do local.

Os **componentes do problema** são: Tipografia, Ilustração, Diagramação e Formato.

A **coleta de dados** consiste na elaboração de referencial teórico e realização de entrevistas a profissional que desempenha uma função ligada diretamente a Associação e a essas crianças

A **análise dos dados** foi o conhecimento e detalhamento dos pontos de aperfeiçoamento aplicados a partir das entrevistas realizadas.

A etapa de **criação** será a elaboração de proposta a partir da análise de padrões já existentes para crianças disléxicas.

**Materiais e tecnologias.** A capa do material será de capa dura, de forma que o proteja, enquanto o miolo será produzido em papel couché 120g.

A **experimentação** acontecerá a partir do momento em que os materiais e as tecnologias do projeto forem escolhidas, para que haja a realização do projeto

Os **modelos** serão construídos e apresentados a partir das conclusões e experiências.

Na etapa da **verificação** o livro será distribuído para as crianças da escola, a fim de recolher opiniões destas para que haja um melhoramento do material original que virá após a etapa de verificação.

E a **solução** será a elaboração da proposta final, que será uma boneca de uma literatura paradidática desenvolvida para as crianças disléxicas da Associação Beneficente Milton Pereira de Melo.

Essas referências metodológicas muito me auxiliaram, porém algumas alternativas pelo caminho foram tomadas a considerar os elementos, ou mesmo os indicativos que a pesquisa de campo indicou que você leitor vai compreender nas páginas que se seguem, e a teoria de Munari auxiliou nas dimensões técnicas.

### 3.1 HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO.

O campo de estudo foi definido após visitas simultâneas no local através de um programa social, após isso, foi visto que existe um público alvo para a pesquisa. O local observado trata-se de uma Associação chamada Associação Beneficente Milton Pereira de Melo, que existe desde 1996, e fica na própria capital paraense, Belém do Pará.

**Figura 24** – Fachada da Associação Beneficente.



Fonte: TÔ NA REDE. Disponível em:< <http://tonarede.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Logo.jpg>>. Acesso em: 01 out. 2016.

A associação é uma entidade civil, sem fins lucrativos, que conta com profissionais especializados que ajudam no tratamento de pessoas que sofrem de alguma síndrome, sejam elas motoras e/ou cognitivas. A associação

desenvolve o potencial humano destas pessoas por meio da integração no ensino regular e da inserção social, além de participar de programas sociais de outras instituições que ajudam a associação a crescer e se desenvolver, tornando estes indivíduos atuantes na sociedade.

Ao longo de todo este processo, quatro crianças disléxicas e sua professora/psicopedagoga que fazem parte da associação foram as principais fontes de informação que serão destacadas ao longo do trabalho, e que serão usadas como ajuda para a construção do projeto mais à frente.

A profissional mencionada no parágrafo anterior trata-se de Marlene Pereira de Melo dos Santos, professora especialista em psicopedagogia e educação especial com ênfase na inclusão na faculdade Fibrá, e formada no curso de desenvolvimento do potencial humano pelo centro de Ciências Sociais no Instituto Izabel no Rio de Janeiro. Aos 58 anos de idade, já trabalha há 36 anos na área, mas apenas há 20 na instituição de ensino, e após algumas entrevistas com a mesma, foi visto que a Associação Beneficente Milton Pereira de Melo possui o mesmo sobrenome desta, que ao longo da conversa contou então que o espaço surgiu em homenagem ao seu irmão, que faleceu aos 07 anos por conta da falta de tratamento de uma doença especial.

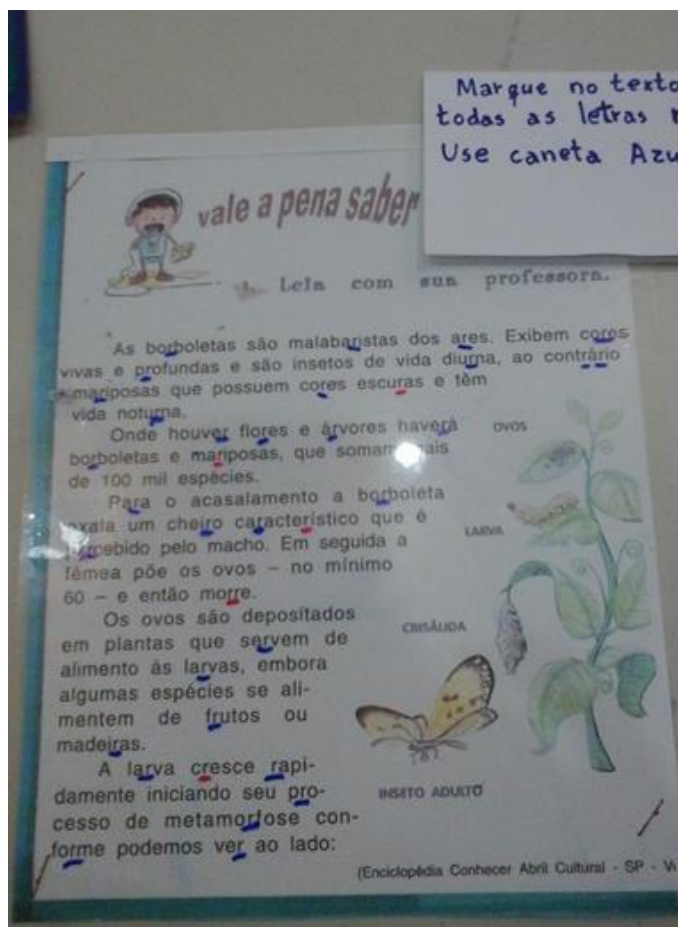
### **3.2.2 Método de ensino para as crianças disléxicas**

Marlene Pereira possui atualmente quatro alunos disléxicos: A e B de 08 anos de idade, C de 10 e D de 17, e suspeita de outros alunos que ainda estão passando por testes de detecção da síndrome.

Após algumas visitas na associação, foi visto que a psicopedagoga constrói seu material e método de ensino. Ela diz que seus anos de experiência e seu envolvimento profissional com diversos casos tanto de dislexia como outros tipos de síndrome fez com que ela mesma criasse sua forma de ensinar.

Estes materiais foram vistos e serviram como uma pequena base para ideias da construção do projeto do livro em si.

Figura 25 – Imagem do tipo de material didático criado pela docente.



Fonte: Registro gráfico da pesquisadora (2016).

O material apresentado acima na figura acima é um exemplo de como o método de ensino deve ser elaborado para essas crianças.

### 3.2.3 Requisitos básicos para a construção

Segundo a psicopedagoga Marlene Pereira, os requisitos básicos para a construção de um material para esse público são:

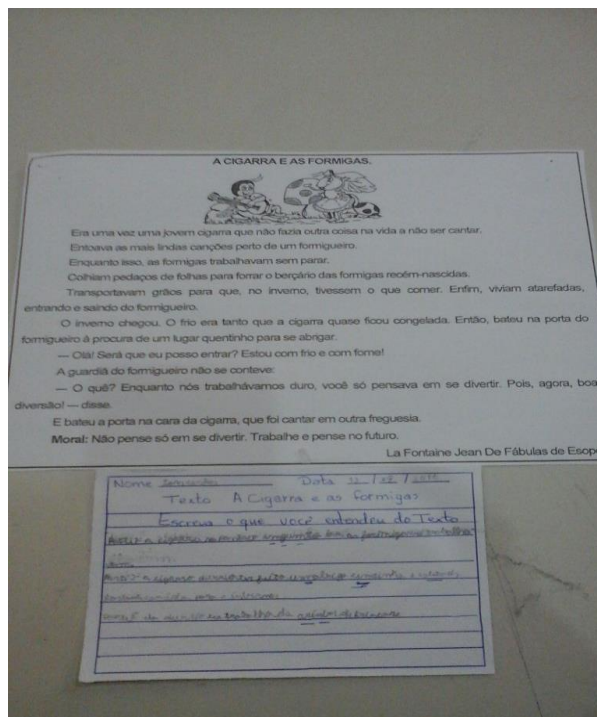
- a. Utilizar a tipografia própria para pessoas com dislexia;
- b. Ou então ampliar os textos para que haja uma melhor leitura;
- c. Conseqüentemente as letras ficarão mais separadas, e devem;

- d. Trabalhar com materiais pouco ilustrados dando maior importância às letras e suas formas, utilizando das cores apenas nas ilustrações;
- e. Trabalhar com textos divididos e curtos, parágrafo por parágrafo;

### 3.2 ELEMENTOS QUE IDENTIFICAM AS NECESSIDADES DAS CRIANÇAS

Marlene conta que mesmo com todos os tipos de dislexia, as crianças para quem ministra aula possuem apenas um tipo de dislexia: a **disortografia**, que consiste na dificuldade de organização, estruturação e composição de textos escritos, além de possuírem problemas na sua leitura e interpretação de textos quando não ajustados pela psicopedagoga.

**Figura 26** – Imagem do tipo de material didático criado pela docente.



Fonte: Registro gráfico da pesquisadora (2016).

Posteriormente, foi decidido então, juntamente com a profissional e a orientadora do projeto que o material trará em seu conteúdo apenas pequenos textos em forma de história construído diretamente para essas crianças, textos estes que servirão como um exercício para a leitura das mesmas.

O material será desenvolvido seguindo os requisitos básicos já citados ao longo do trabalho que são: formato, tipografia, Ilustração e diagramação.

## **4 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO**

Neste capítulo serão definidos e mostrados todos os requisitos em definitivo para o desenvolvimento final do produto.

### **4.1 TIPOGRAFIA.**

Neste tópico é mostrado como foi selecionada a fonte utilizada no livro. Para atender os requisitos da tipografia escolhida, foram pesquisadas algumas tipografias feitas diretamente para disléxicos, posteriormente, será feita a comparação de todas as fontes tipográficas,

Moura (2016) diz que existem quatro fontes de texto utilizadas para maximizar a legibilidade das letras para disléxicos:

#### **Lexia Readable**

Criada em 2004 por Keith Bates, é bastante utilizada em alguns sites internacionais na área da dislexia, além de ser gratuita.

**Figura 27** – Amostra da tipografia Lexia Readable.

ABCDEFGHIJKLMNO  
 PQRSTUVWXYZÀÁÊË  
 ÌÍÎÏÏÜabcdefghijklmno  
 pqrstuvwxyzàáêëïõøü&  
 1234567890(\$£€.,!?)

Fonte: OCTÁVIO MOURA, 2016. Disponível em: <<http://dislexia.pt/blog/fontes-de-texto/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

### **Dyslexie**

Criada em 2008 por Christian Boer e possui um custo comercial que varia de valor para uso pessoal e para uso em instituições de ensino.

**Figura 28** – Amostra da tipografia Dyslexie.

a b c d e f  
 g h i j k l m  
 n o p q r s t  
 u v w x y z

Fonte: OCTÁVIO MOURA, 2016. Disponível em: <<http://dislexia.pt/blog/fontes-de-texto/>>. Acesso em: 25 out. 2016

## Sylexiad

Criada em 2006 por Robert Hillier. De distribuição comercial com pagamento variável.

**Figura 29** – Amostra da tipografia Sylexiad.

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz  
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ  
 0123456789&\*@\;,\$=!<->()%+?"';£

Fonte: OCTÁVIO MOURA, 2016. Disponível em: <<http://dislexia.pt/blog/fontes-de-texto/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

## Open Dyslexic

Criada em 2011 por Abelardo González. É gratuita, e possui como característica um acentuado pronunciamento na base inferior das letras para um melhor reconhecimento da letra.

**Figura 30** – Amostra da tipografia Open Dyslexic.

ABCDEFGHIJKLM  
 NOPQRSTUVWXYZ  
 abcdefghijklm  
 nopqrstuvwxyz  
 0123456789! ? #

Fonte: OCTÁVIO MOURA, 2016. Disponível em: <<http://dislexia.pt/blog/fontes-de-texto/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

Todas as fontes apresentam alguma particularidade em seu estilo para um melhor reconhecimento de suas letras, de forma que pessoas disléxicas geralmente tendem a ter dificuldade na hora interpretá-las.

A tipografia escolhida para o título do livro foi a **Open Dyslexic**. A fonte possui um total de nove aplicações diferentes, e foi escolhida para o título por ser uma fonte simples e por possuir características únicas que chamam atenção do leitor, além de facilitar o reconhecimento das letras.

Para o miolo do livro, a tipografia escolhida foi a **Lexia Readable**. A fonte possui um total de duas aplicações diferentes, e foi escolhida para o miolo por também possuir características únicas além de ter certa semelhança com as ilustrações ao longo do livro, pois como dito no tópico 2.5.3, a relação entre texto/imagem é muito importante, de forma que estes tem que manter uma harmonia. A semelhança da tipografia escolhida para o interior do material com as ilustrações consiste em seus traços curvilíneos, fazendo com que as duas atuem de forma harmônica. Essa fonte tenta evitar algumas possíveis confusões disléxicas (por exemplo, b e d, q e p).

#### **4.1.1 Mancha gráfica e grade**

Não serão definidos esquemas fixos de grade para o produto, mas foi definida uma mancha gráfica básica para posicionar o texto estipulando 1cm para a margem do livro, 12,7 para margens superior, interna e externa.

#### **4.1.2 Tamanho da fonte**

Burt (*apud* COUTINHO) diz que os caracteres variam de acordo com a idade das crianças. Para crianças de 7 a 9 anos são recomendadas fontes com o tamanho mínimo de 16 pt. A partir das fontes escolhidas, foram testadas diretamente no layout, e o tamanho definido para o texto foi de 18 pt.

Estas definições estão previstas nos requisitos do projeto, com o objetivo de escolher tipografias fáceis de reconhecer. Os textos não serão justificados, para evitar a diferença de espaço entre as letras, e não serão feitas quebras de palavras no final das linhas, pois isso causa certa lentidão na leitura das crianças disléxicas.

#### 4.2 ILUSTRAÇÕES E PERSONAGENS

As ilustrações foram feitas com misturas em dois estilos: o tradicional e caricatural, pois se utiliza de tons pastéis do estilo tradicional, mas com formas distorcidas do estilo caricatural, utilizando-se da computação gráfica. As cores da ilustração foram feitas à partir dos requisitos do projeto.

A história possui três personagens: **Vinícius**, o personagem principal; **O Velho Ancião**, personagem que instiga Vinícius a ler o livro de magia; e o **Líder do Vilarejo**, personagem do qual busca ajuda do velho ancião e de Vinícius.

A seguir serão mostrados os esboços dos personagens.

**Figura 31** – Esboços dos personagens.



Fonte: Ramos (2016).

De acordo com as necessidades da narrativa, nenhuma ilustração terá um cenário fechado, Eles terão expressões simples e terão apenas uma perspectiva. Isso será melhor mostrado na apresentação final do produto.

A arte final e as características de cada personagem serão apresentadas a seguir.

#### 4.2.1 Vinícius

**Figura 32** – Personagem “Vinícius”.



Fonte: Ramos (2016.)

Vinícius é um menino simples, tem o cabelo enrolado de cor castanho e de pele branca, É um menino muito curioso, um pocuo a frente do seu tempo, e

quer aprender ciencias. Porém, Vinícius possui uma certa dificuldade na hora de aprender a ler. O personagem foi feito pensando em representar as mesmas características do público alvo.

#### 4.2.2 O Velho Ancião

**Figura 33** – Personagem “O Velho Ancião”.



Fonte: Ramos (2016).

O velho ancião é o personagem que aceita Vinícius como aprendiz, já que o menino quer aprender ciências. Possui características mais velhas, careca, de longas barbas cinza e de grande conhecimento. É ele quem instiga Vinícius a ler, o proibindo de ler livros de magia.

### 4.2.3 O Rei do Vilarejo

**Figura 34** – Personagem “O Rei do Vilarejo”.



Fonte: Ramos (2016)

O rei do vilarejo é o personagem que menos aparece na história. Porém, é ele quem procura ajuda de Vinícius e do velho ancião para encontrar a cura de seu filho, e é a partir deste personagem que Vinícius busca aprender a ler apesar de suas dificuldades.

### 4.3 PÁGINAS PRÉ E PÓS-TEXTUAIS.

O livro possuirá três páginas extras ao longo do livro, sendo duas em branco. Uma delas estará entre a capa e o início da história, dando um

pequeno intervalo de leitura entre ambas. A segunda será a folha de copyright, que estará no final do livro, assim que a história termina, com as informações necessárias do material. E a última estará logo após a folha de copyright, separando-a da capa.

#### 4.4 SUPORTE E ENCADERNAÇÃO

A capa tem como característica proteger o material, além de ser a porta de entrada do livro. É a capa que tem o poder de chamar atenção do leitor, instigar a curiosidade para sobre o conteúdo interno do material.

A capa do material será de capa dura, de forma que o proteja, enquanto o miolo será produzido em papel couché 120g. Este tipo de papel foi escolhido justamente por ter uma gramatura maior e ser mais resistente e flexível, de forma que proteja o material e o torne mais duradouro.

A lombada será colável, sem espirais ou outros tipos de suporte, de forma que dê mais espaço no livro para que o leitor possa o ler.

### 5 PROJETO GRÁFICO – O LIVRO DE VINÍCIUS.

Para a execução final do projeto gráfico, uma equipe de profissionais atuou diretamente na composição do material sob o comando da pesquisadora do trabalho de conclusão, tendo como autores da história: Lucas Alves Costa e Athyene Cardoso. Nas ilustrações: Aryel Ramos. Na capa: Aryel Ramos e Athyene Cardoso. E no Projeto gráfico e diagramação: Athyene Cardoso.

A seguir será mostrada a execução do produto finalizado. As páginas do livro “O Livro de Vinícius” serão expostas uma por uma.

## 5.1 CAPA

Figura 35 – Capa do livro.



Fonte: Autor (2016).

A capa foi feita de forma simples, se utilizando de cores em tons pastel com fundo claro, tendo letras soltas ao redor da ilustração do personagem principal, que aparece com uma expressão de dúvida, confusa. O objetivo das letras ao redor do personagem é instigar o público alvo a ler o conteúdo interno. As letras escolhidas para ficar em evidência são algumas que causam a “confusão mental” nas crianças disléxicas na hora de ler.

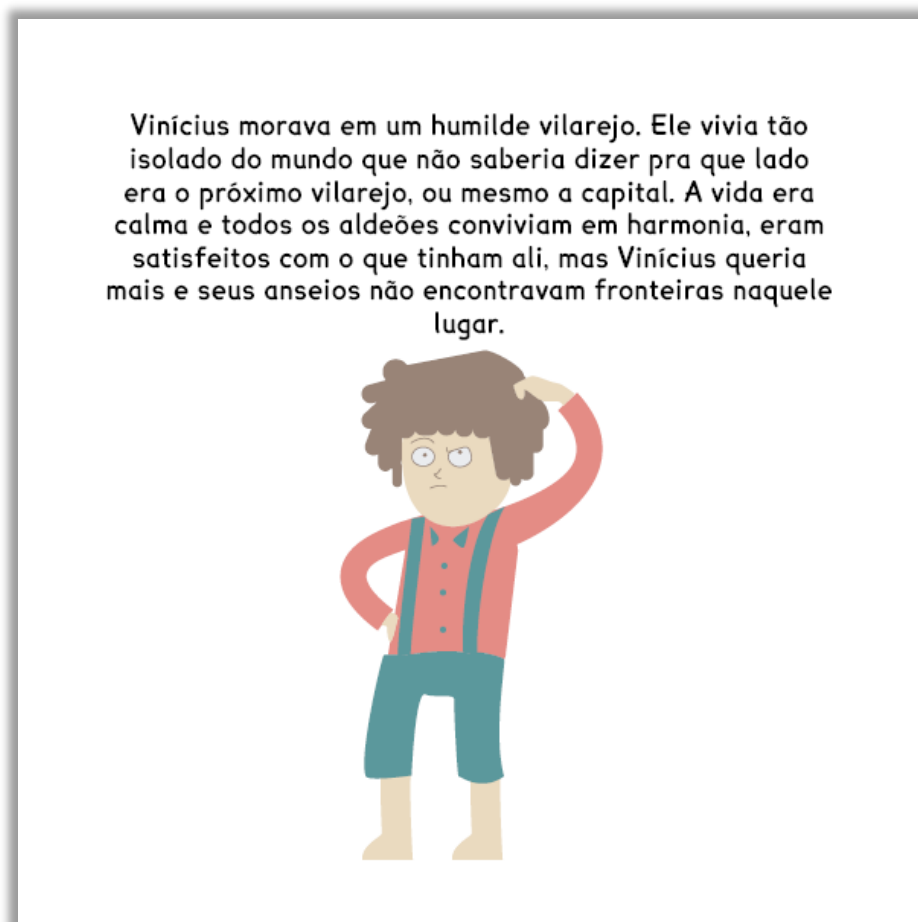
## 5.2 NARRATIVA.

A seguir será apresentado o layout final das páginas da narrativa. Todos os textos ao longo do livro serão centralizados e sem quebra de palavras ao final das linhas.

Todas as páginas do livro mostrarão as características da ilustração, em estilo tradicional e caricatural, com uso de computação gráfica, com predominância do uso de cores em tom pastel. Todo o livro utiliza apenas um tipo de diagramação, a dissociação, é o tipo de diagramação que causa uma leitura mais lenta, (primeiro o texto e depois a imagem, ou vice e versa).

A narrativa começa na segunda página, com o personagem principal. Vinícius. Ele aparece pensando, meio confuso, se perguntando como seria fora do seu vilarejo.

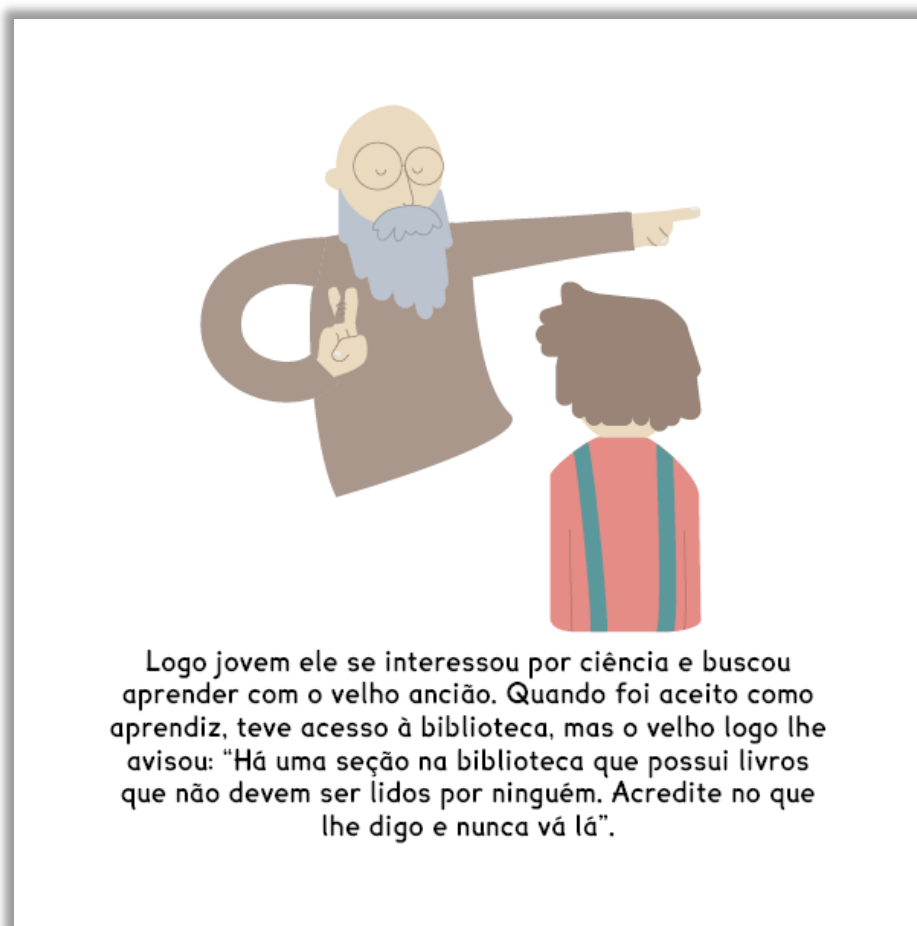
**Figura 36** – Primeira página da narrativa de “O Livro de Vinícius”.



Fonte: Autor (2016).

Na página seguinte, Vinícius, uma criança curiosa, quer muito aprender ciências e procura o velho ancião de sua aldeia para aceita-lo como aprendiz, porém, o velho ancião lhe dá um aviso que lhe deixa muito mais curioso.

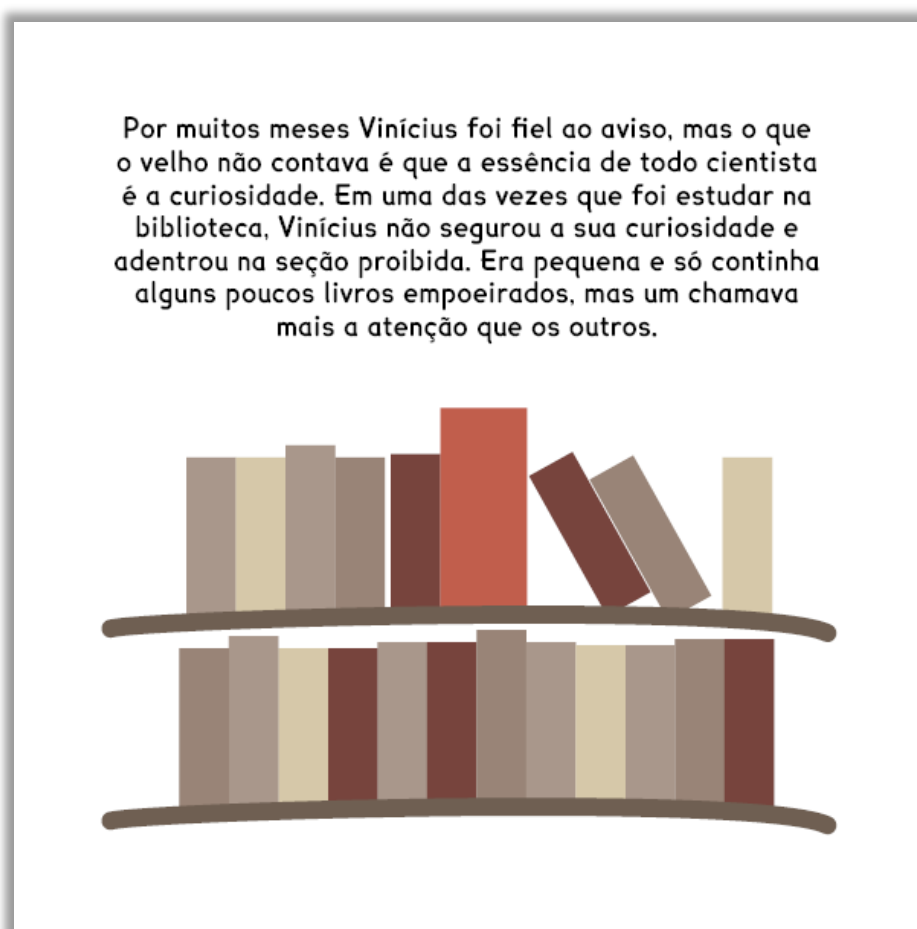
**Figura 37** – Segunda página da narrativa de “O Livro de Vinícius”.



Fonte: Autor (2016).

Na página seguinte, Vinícius vai visitar a biblioteca atrás de conhecimento, mas entra justamente na seção em que o velho ancião disse que não deveria entrar, e assim que entrou, avistou um livro que chamava mais atenção que o resto.

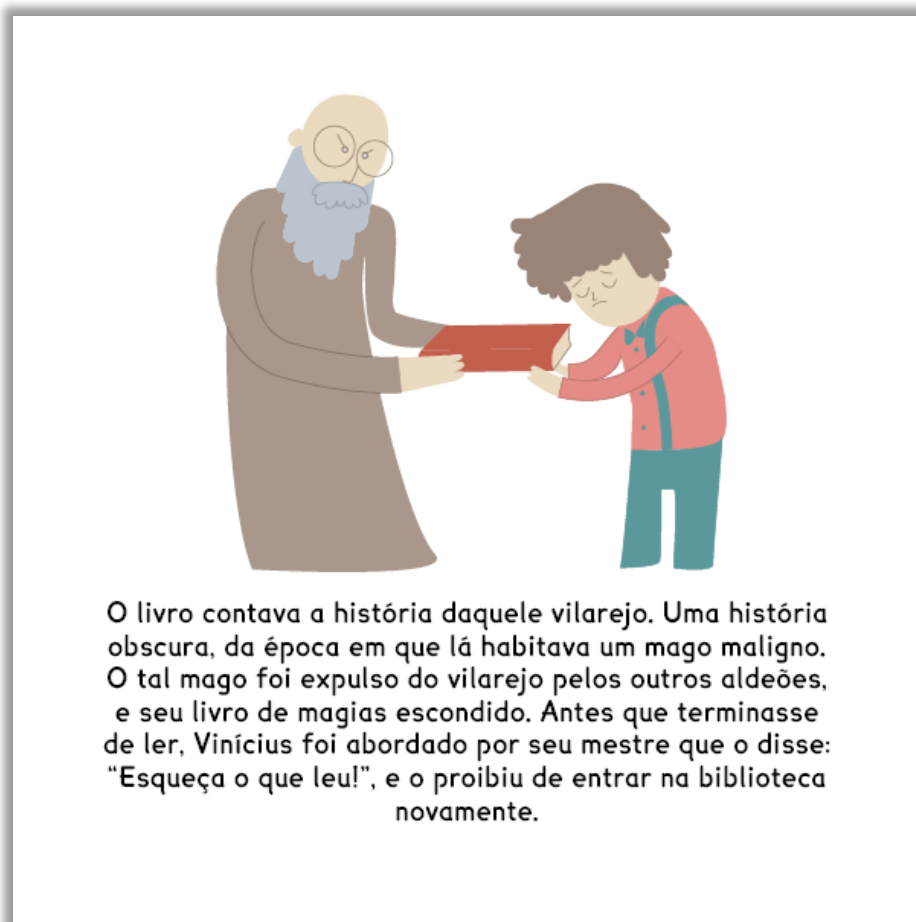
**Figura 38** – Terceira página da narrativa de “O Livro de Vinícius”.



Fonte: Autor (2016).

Na página seguinte, o velho ancião pega Vinícius fazendo o que não deveria fazer: lendo um dos livros da seção proibida. Como castigo, Vinícius é proibido de entrar na biblioteca novamente.

**Figura 39** – Quarta página da narrativa de “O Livro de Vinícius”.



Fonte: Autor (2016).

Na página seguinte, logo após ler o livro da seção proibida, Vinícius se imagina sendo mago.

**Figura 40** – Quinta página da narrativa de “O Livro de Vinícius”.

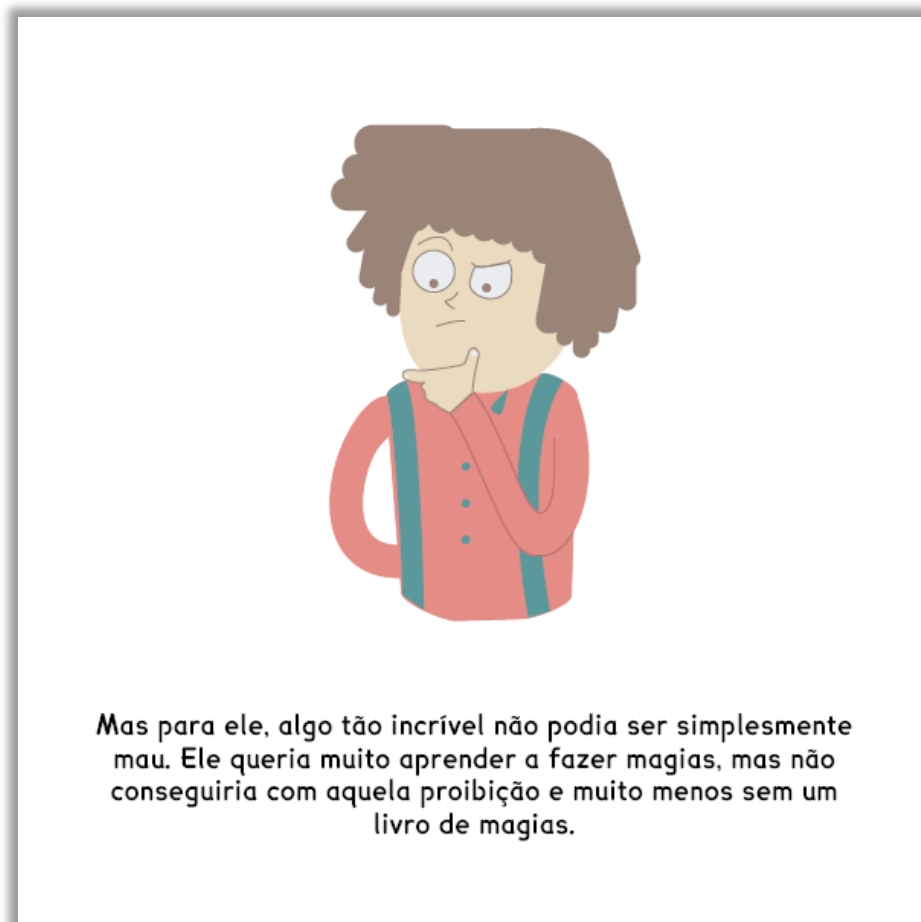
Vinícius nunca havia ouvido falar de magia, mas quando a conheceu naquele livro, ficou fascinado. Para ele, era como se fosse uma ciência desconhecida. Desconfiava que a prática dela foi banida e esquecida naquele vilarejo por culpa do mago maligno que vivia lá antes.



Fonte: Autor (2016).

Na página seguinte, Vinícius aparece pensando no livro que lera sobre magia, e o quanto queria aprender sobre magia, mas que não conseguiria até o velho ancião o deixar entrar na biblioteca novamente.

**Figura 41** – Sexta página da narrativa de “O Livro de Vinícius”.



Fonte: Autor (2016).

Na página seguinte, o líder do vilarejo aparece pedindo ajuda de Vinícius e do velho ancião para que curassem seu filho que estava doente, e Vinícius pede para o velho que tentem ler o livro de magia atrás de cura.

**Figura 42** – Sétima página da narrativa de “O Livro de Vinícius”.

Certo dia, uma doença desconhecida acometeu o filho do líder do vilarejo, que convocou o velho ancião e seu aprendiz para curá-lo. Por mais que o velho procurasse nos seus livros sobre a doença, não encontrava nada e as condições do garoto só pioravam. Vinícius, vendo o garoto adoecer cada vez mais, sugeriu ao seu mestre: “E se procurássemos a cura no livro de magia?”.



Fonte: Autor (2016).

Na página seguinte, o velho ancião aparece resistindo a ideia de Vinícius, mas logo depois cede e dá a Vinícius a missão de procurar o livro em uma caverna.

**Figura 43** – Oitava página da narrativa de “O Livro de Vinícius”.



Fonte: Autor (2016).

Na página seguinte, Vinícius aparece procurando o livro, e logo o encontra em cima de umas pedras.

**Figura 44** – Nona página da narrativa de “O Livro de Vinícius”.

A alguns quilômetros da aldeia, no meio de uma caverna, Vinícius encontrou o tal livro, mas na hora de abri-lo, uma surpresa: ele parecia estar escrito em uma língua desconhecida e o único que sabia decifrá-lo era o antigo mago banido.



Fonte: Autor (2016).

Na página seguinte, Vinícius aparece com alguns livros e um deles aberto, mas para sua tristeza, ele não conseguia decifrar o que estava escrito.

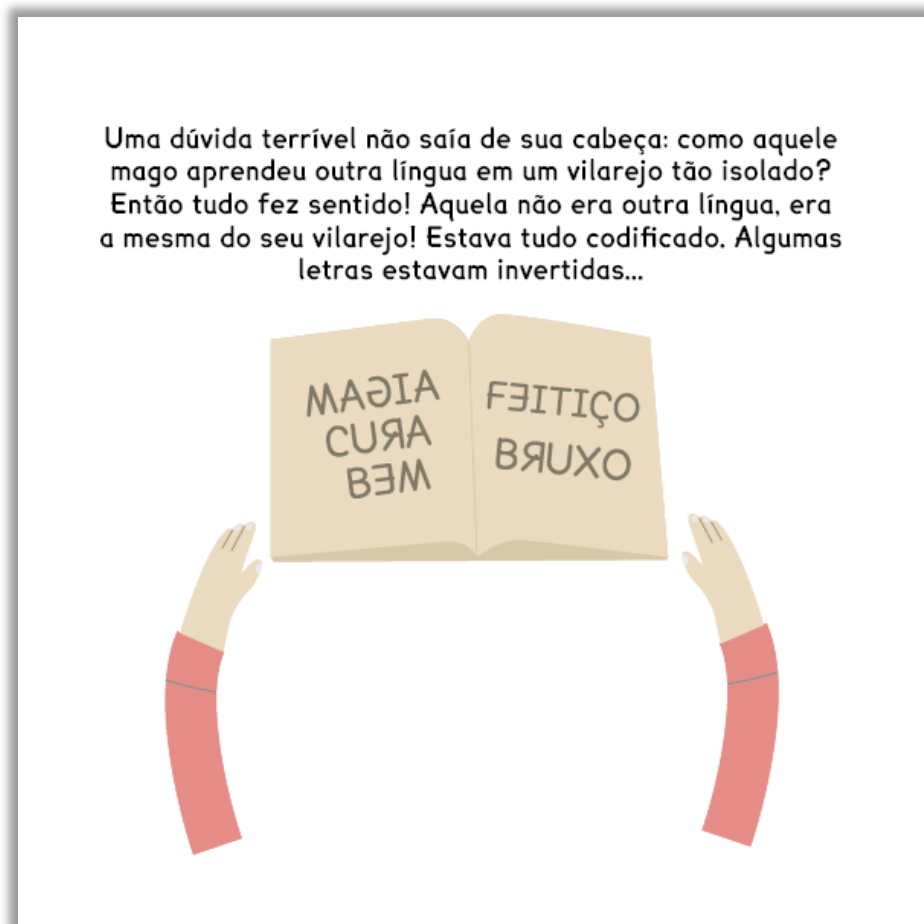
**Figura 45** – Décima página da narrativa de “O Livro de Vinicius”.



Fonte: Autor (2016).

Na página seguinte. Um livro aberto aparece com algumas letras invertidas: era assim que Vinicius via as letras. Essa página enfatiza o principal problema das pessoas disléxicas na hora da leitura.

**Figura 46** – Décima primeira página da narrativa de “O Livro de Vinícius”.



Fonte: Autor (2016).

Na página seguinte, os três personagens aparecem juntos logo após Vinícius decifrar o livro de magias e curando o filho do rei do vilarejo.

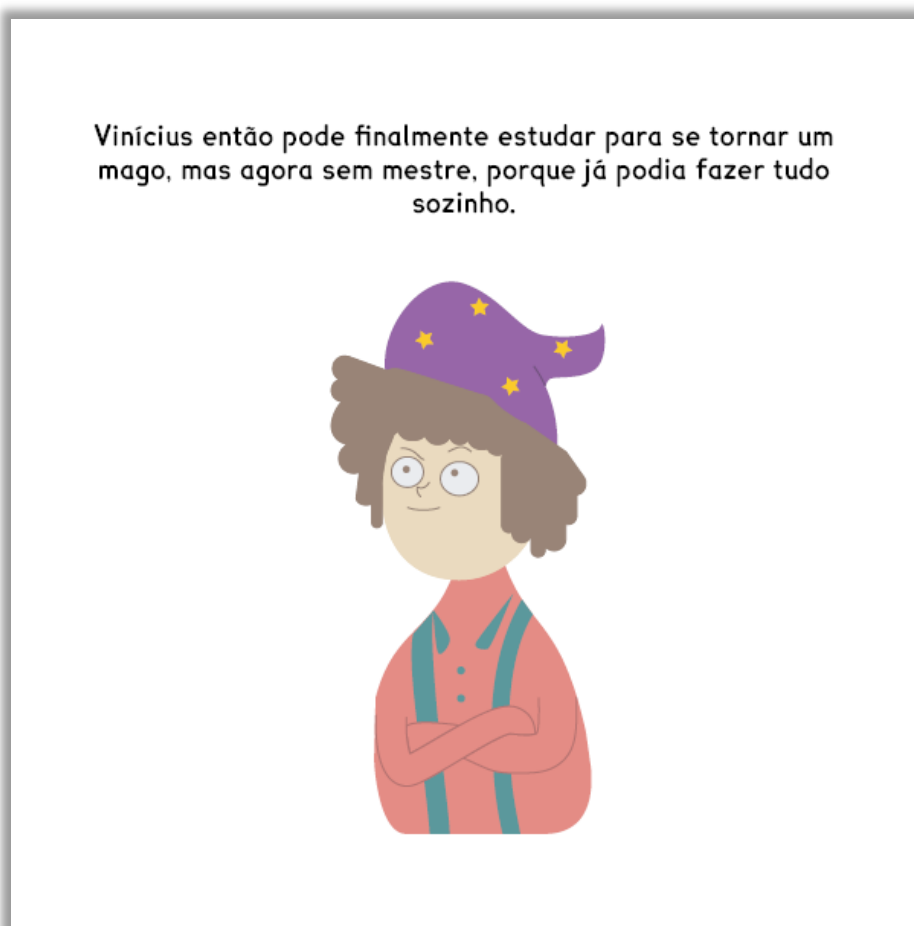
**Figura 47** – Décima segunda página da narrativa de “O Livro de Vinícius”.



Fonte: Autor (2016).

Na página seguinte, Vinícius aparece satisfeito, pois já consegue ler o livro de magias para se tornar um mago.

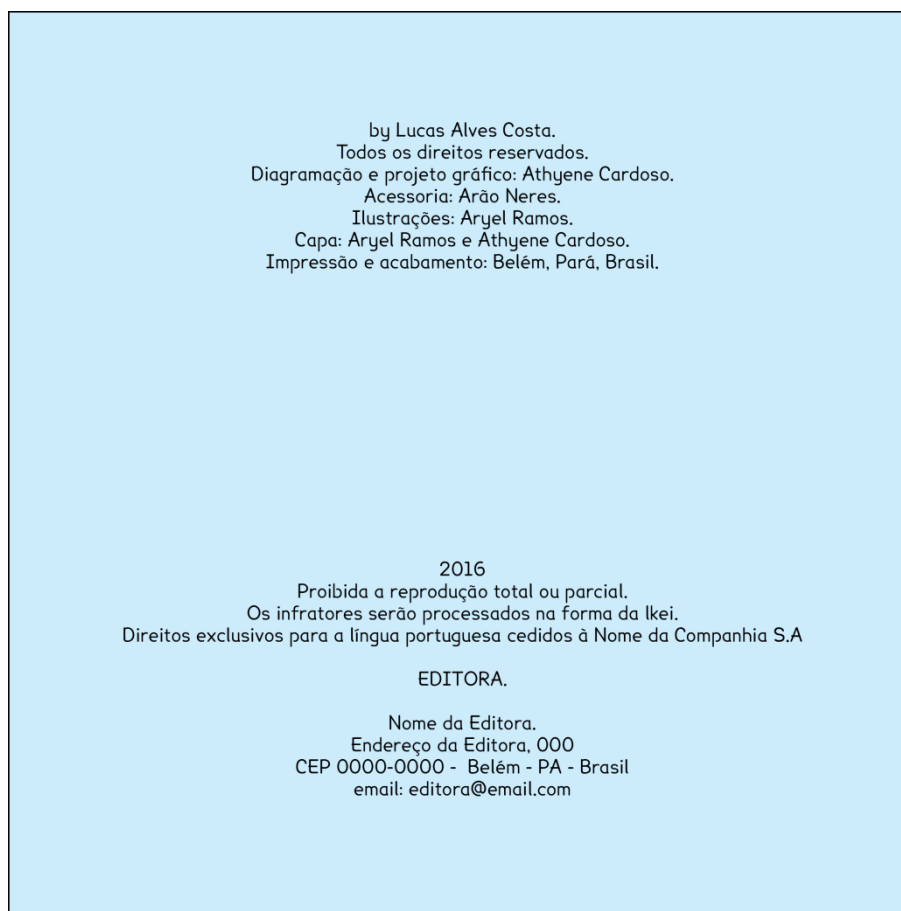
**Figura 48** – Décima terceira página da narrativa de “O Livro de Vinicius”.



Fonte: Autor (2016).

Na página 15, a folha de copyright aparece com as principais informações do livro.

**Figura 49** – Décima quarta página da narrativa de “O Livro de Vinícius”.



Fonte: Autor (2016).

O produto apresentado acima trata-se do resultado final embasado e baseado no referencial teórico realizado ao longo da pesquisa. Trata-se de uma história infantil que busca enfatizar a dislexia através de uma simples animação sobre um menino.

A história também é feita diretamente para crianças com dislexia, para que as mesmas possam se sentir na história e se vejam de forma diferente, diferente de como a sociedade enxerga. Mesmo tratando-se – ainda – de um trabalho acadêmico, o produto só pôde ser realizado com ajuda de uma psicopedagoga que leciona para crianças com dislexia, que guiou a autora do trabalho até a realização final deste.

## 6. CONCLUSÃO

Ao longo do desenvolvimento do projeto, desde os primeiros levantamentos bibliográficos até a execução final do projeto, a visão acerca do tema foi diversas vezes transformada. Os estudos e pesquisas sobre Dislexia, Design Editorial e Educação Brasileira Infantil permitiram ver que o Brasil ainda precisa crescer e se desenvolver muito no cenário atual, e é nesse momento que o designer editorial precisa saber trabalhar e direcionar seu trabalho ao seu público e seu objetivo.

O contato mais direto com o mundo infantil ao decorrer do projeto causou um maior impacto pessoal com o tema, visto que a grande ligação com as mesmas sempre foi muito intensa. A falta de materiais didáticos e a falta de didática dos próprios docentes mostraram quão carentes essas crianças são de uma educação para elas, de forma que exalte suas particularidades e não percam de vista suas dificuldades, juntamente com as outras crianças.

As possibilidades de se aplicar um melhor conteúdo didático ao público alvo se deram ao decorrer do projeto, permitindo aplicar os conceitos estudados ao longo do mesmo.

O aprendizado também foi muito rico durante o processo de execução de pesquisa, e isso acarretou uma vontade de explorar ainda mais esse mundo tanto infantil como editorial. A vontade de também seguir em frente neste ramo aumentou ainda mais, fazendo com que o futuro profissional se espelhe no projeto executado, trabalhando para e com a sociedade, de forma a melhorar a vida de pessoas como essas, ainda com pouco espaço social no cenário atual.

Foi possível ver também que, o número de pessoas disléxicas é maior do que se pode imaginar, sendo quase 10% da população mundial, e isso afeta diretamente a educação mundial. Foi a partir de todas essas bases teóricas que foi permitido observar que há diversas formas de produzir um material para essas pessoas, utilizando-se de ferramentas simples que se foram obtidas a partir das pesquisas até aqui realizadas.

Após concluir todo o projeto, foi visto que foi de grande satisfação realizar todas as pesquisas e ir em busca de informações que pudessem tornar o trabalho importante o suficiente para ser apresentado, de forma a contribuir socialmente e ajudar o público alvo, mas principalmente as crianças da associação diretamente trabalhada.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ronaldo. **Transtornos funcionais de aprendizagem**. Educar para uma vida. 2013. Disponível em: <<http://educarparaumavidacriativa.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 08 de Jun. 2016.

AMBROSE, Gavin. **Layout**. Porto Alegre: bookman, 2012.

BARROS, Jussara de; **a educação e os livros paradidáticos**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/a-educacao-os-livros-paradidaticos.htm>>. Acesso em: 10 de Jun. 2016.

CAPELLINI, Simone. **Dislexia: novos temas novas perspectivas**. Rio de janeiro: Wak Editora, 2011.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do Design**. São Paulo: Editora: EDCARD BLÜCHER LTDA, 2004.

CAVALCANTE, Meire. **Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças**. Nova Escola. 2005. Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/formacao/maria-teresa-egler-mantoan-424431.shtml>. Acesso em 20 de Abr. 2016.

FENSTERSEIFER, T. A. **Design editorial: os livros infantis e a construção de um público leitor**. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Design Visual, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS, 2012.

FLÁVIO, Santana. **Como projetar para a dislexia**. Design Culture. 2005. Disponível em: <[www.designculture.com.br](http://www.designculture.com.br)>. Acesso em: 20 de Mar. 2016.

GOMES, Cristiana. **Literatura infantil**. Info Escola. 2006. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/literatura-infantil/>>. Acesso em 05 de Out. 2016.

HASLAM, Andrew. **O Designer e o Livro**. São Paulo: editora: Rosari, 2006

HENDEL, Richard. **O Design do Livro**. Brasil: Atelie, 2003

LINDEN, S. Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LOURENÇO, D. A. **tipografia para livro de literatura infantil: desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, Cuitiba-PR, 2011.

MENEZES, Ebenezer Takunode; SANTOS, Thais Helena dos. Verbetes Paradidáticos. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira – Educabrazil**. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/paradidáticos/>>. Acesso em 28 de set. 2016.

MOURA, O. **Portal da Dislexia**. Disponível em: <<http://dislexia.pt/blog/fontes-de-texto/>>. Acesso em 26 de Out. 2016.

MUSZKAT, Mauro. **O professor e a dislexia**. São Paulo: Cortez, 2012.

NIEMEYER, Lucy. **O Design no Brasil**. Rio de Janeiro: 2ab, 2010.

NIEMEYER, Lucy. **Tipografia: uma apresentação**. Rio de Janeiro: 2ab, 2010.

NUNES, Magda. **Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem**. Porto Alegre. V. 80no. 2 suppl.0 Abril, 2004

REIS, Luciana. **Centro de Fonoaudiologia**. Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <<http://www.centrodefonoaudiologia.com/disortografia-dificuldade-de-aprendizagem/>>. Acesso em: 07 de Jun. 2016.

SAMARA, Timothy. **GRID: construção e desconstrução**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ZEEGEN, Laurence. **Fundamentos de Ilustração**. Porto Alegre: bookman, 2009.